



**Alessandra Zager Tinoco Viana**

**Quem cala consente? O silêncio em interações  
na cultura brasileira - Uma análise voltada para  
o PL2E**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem do Departamento de Letras da PUC-Rio

Orientador: Profa. Rosa Marina de Brito Meyer

Rio de Janeiro  
Abril de 2020



**Alessandra Zager Tinoco Viana**

**Quem cala consente? O silêncio em interações  
na cultura brasileira - Uma análise voltada para  
o PL2E**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem do Departamento de Letras da PUC-Rio Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

**Profa. Rosa Marina de Brito Meyer**

Orientador

Departamento de Letras – PUC-Rio

**Profa. Adriana Ferreira de Sousa de Albuquerque**

Departamento de Letras – PUC-Rio

**Prof. Ricardo Borges Alencar**

Departamento de Letras – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 13 de Abril de 2020

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

### **Alessandra Zager Tinoco Viana**

Licenciada em Letras: Português/Literaturas, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2015), e possui pós-graduação Literatura Infantil e Juvenil (2017) pela mesma universidade. Especializou-se também em Formação de Professores de Português para Estrangeiros, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2017). Possui experiência como docente de Língua Portuguesa para Ensino Fundamental, com atuação em aulas particulares, desde 2014, e em instituições privadas de ensino.

#### Ficha Catalográfica

Viana, Alessandra Zager Tinoco

Quem cala consente? O silêncio em interações na cultura brasileira - Uma análise voltada para o PL2E / Alessandra Zager Tinoco Viana ; orientadora: Rosa Marina de Brito Meyer.– 2020.

74 f: il.color.; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Letras, 2020.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. PL2E. 3. Interculturalismo. 4. Cultura multiativa. 5. Cultura brasileira. 6. Silêncio. I. Meyer, Rosa Marina de Brito. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

## Agradecimentos

À minha orientadora Professora Doutora Rosa Marina de Brito Meyer, por todo o conhecimento compartilhado, pelo incentivo e o carinho desde o princípio.

À CAPES e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Ao meu marido João Paulo, pelo constante encorajamento na carreira acadêmica e pelo apoio nos momentos mais complicados, oferecendo sempre uma palavra de conforto.

Aos meus pais, Mônica e Alexandre, e à minha irmã, Camila, por sempre me incentivarem a buscar conhecimento e por me apoiarem em meus objetivos.

Aos professores da Especialização em Formação de Professores de Português para Estrangeiros, pelo incentivo à continuidade dos estudos acadêmicos rumo ao mestrado.

Aos amigos da PUC-Rio, principalmente aos do Grupo de Estudos de PL2E, e à amiga Lívia, companheira de jornada, com quem dividi as dificuldades e conquistas ao longo dos dois anos de mestrado.

A todos os meus amigos e familiares, pelo estímulo e apoio de sempre.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## Resumo

Viana, Alessandra Zager Tinoco ; Meyer, Rosa Marina de Brito (Orientadora) . **Quem cala consente? O silêncio em interações na cultura brasileira - Uma análise voltada para o PL2E** . Rio de Janeiro, 2020. 74p. Dissertação de Mestrado – Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente trabalho analisa o silêncio, como um importante componente do discurso, em situações comunicativas do português brasileiro, bem como o modo como os brasileiros em geral lidam com o silêncio como resposta em interações dialógicas. Na cultura brasileira, classificada como multiativa (Lewis, 2006), ou seja, extremamente coletivista e prolixa, tende-se a evitar ficar em silêncio, o que poderia ser constrangedor para o falante e para o interlocutor. Por outro lado, para algumas outras culturas, como as asiáticas em geral, a quietude é valorizada socialmente, entendida como sinal de respeito e polidez e, portanto, é sentida como confortável. Diante desse fato, portanto, em uma interação intercultural, a probabilidade de haver choques e desentendimentos é grande: enquanto um permanece silente pensando estar sendo polido, o outro pode entender essa atitude como desinteressada e impolida. Tendo por base o Interculturalismo e a Pragmática, com estudos interculturalistas de Lewis (2006), as categorias de valor do silêncio de Tannen (1985) e o conceito de face de Goffman (1967), analisam-se, então, situações de silêncio em interações. Para tanto, foram utilizados como corpus diálogos dos longa-metragens brasileiros *Que horas ela volta?* (2015) e *Como nossos pais* (2017), em que há silêncio como resposta. A partir dos dados, foram classificadas situações em que o silêncio poderia ter valor positivo, negativo ou ambíguo. Sendo assim, essa pesquisa oferece subsídios para professores de Português como Segunda Língua para Estrangeiros (PL2E) entenderem melhor o valor do silêncio em interações no português do Brasil, a fim de minimizar mal-entendidos quando os aprendizes dessa língua entram em contato com falantes nativos.

## Palavras-chave

PL2E; Interculturalismo; Cultura multiativa; Cultura brasileira; Silêncio.

## Abstract

Viana, Alessandra Zager Tinoco ; Meyer, Rosa Marina de Brito (Advisor) . **Quem cala consente? Silence in interactions in Brazilian culture - an analysis focused on Portuguese as a foreign or Second Language**. Rio de Janeiro, 2020. 74p. Dissertação de mestrado – Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The present work analyzes silence as an important component of the discourse, in communicative situations of Brazilian Portuguese, as well as the way that Brazilians in general deal with silence as a response in dialogical interactions. In Brazilian culture, classified as multi-active (Lewis, 2006), that is, extremely verbose and collectivist, people tend to avoid being silent, as this could be embarrassing, for the speaker and for the other. In contrast, for some other cultures, such as Asian, quietness is more comfortable, and even socially valued, as a sign of respect and politeness. Given this fact, therefore, in an intercultural interaction, it is possible to occur cultural shocks and misunderstandings: while one remains silent thinking he is being polite, the other can understand this attitude as impolite and disinterested. Therefore, it is intended, with the research, to offer subsidies for teachers of Portuguese as a Second Language for Foreigners (PL2E) regarding silence in interactions, in order to minimize misunderstandings when language learners come into contact with native speakers . The study is based on Interculturalism and Pragmatics, with intercultural studies by Lewis (2006), Tannen's (1985) categories of silence value and Goffman's (1967) concept of face. For this purpose, dialogues from *The second mother* (2015) and *Just like our parents* (2017) – both Brazilian movies – were used as corpus. From the data, the situations were classified in which silence could have a positive, negative or ambiguous value.

## Keywords

Portuguese as a Foreign or Second Language; Interculturalism; Multi-active culture; Brazilian culture; Silence.

## Sumário

1	Introdução	11
1.1	Justificativa	13
1.2	Objetivos	13
1.3	Organização do trabalho	14
2	Pressupostos Teóricos	15
2.1	L1 e L2	15
2.2	Interculturalismo	16
2.3	Pragmática	21
2.3.1	Silêncio	22
2.3.2	Face	23
2.4	Metodologia	25
2.4.1	O <i>corpus</i>	26
2.4.2	Limitações	28
3	Análise de dados	30
3.1	Silêncio de valor positivo	30
3.1.1	Existência de algo positivo	31
3.1.2	Omissão de algo negativo	33
3.2	Silêncio de valor negativo	34
3.2.1	Existência de algo negativo	35
3.2.2	Omissão de algo positivo	45
3.3	Silêncio ambíguo	47
3.4	Conclusões parciais	51
4	Proposta didática	54
4.1	Sistematização da proposta didática	54
5	Considerações finais	57
6	Referências bibliográficas	60
7	Anexo	63
7.1	Transcrições do filme <i>Que horas ela volta?</i>	63
7.2	Transcrições do filme <i>Como nossos pais</i>	67
7.3	Original – Barreiras para a comunicação entre japoneses e latinos	74

## Lista de figuras

Figura 2.1	Tipos de cultura: o modelo de Lewis. (Lewis, 2006, p. 46 apud Paranhos, 2011, p. 35)	18
Figura 2.2	Barreiras para a comunicação entre japoneses e latinos (Lewis, 2006, p. 24, tradução da autora, doravante t.a.). Figura original em anexo (cf. 7.3).	20
Figura 2.3	A família de Rosa.	28
Figura 7.1	Original – Barreiras para a comunicação entre japoneses e latinos (Lewis, 2006, p. 24).	74



## Lista de tabelas

Tabela 3.1	Classificação dos dados por valores de silêncio	51
------------	---	----

## **Lista de Abreviaturas**

PL2E – Português como Segunda Língua para Estrangeiros

L1 – Primeira Língua

L2 – Segunda Língua

CQ – Cena de "Que horas ela volta?"

CC – Cena de "Como nossos pais"

# 1

## Introdução

A presente pesquisa visa estudar, na cultura brasileira, os valores que o silêncio pode assumir em interações dialógicas, quando utilizado como resposta, na língua portuguesa do Brasil.

Segundo Orlandi (2011), “o silêncio foi relegado a uma posição secundária como excrescência, como o ‘resto’ da linguagem” (p. 12), o que pode ser notado pela pouca bibliografia em torno do assunto na língua portuguesa, e a sua quase inexistência na área de PL2E<sup>1</sup>. Entretanto, defende a autora que, através do silêncio, sempre se diz algo (ORLANDI, 2011, p. 23).

A posição do senso comum, na cultura ocidental, e também sustentada pela ciência, é de que a linguagem seria “figura”, enquanto o silêncio seria “fundo” (Orlandi, 2011, p. 31); foi atribuído ao silêncio um sentido “passivo”, enquanto, pelo contrário, o silêncio pode comunicar muito. Na língua portuguesa, por exemplo, há a expressão “dar um gelo”, aplicada a situações em que uma pessoa se recusa a interagir com outra, geralmente por estar chateada com algo que a segunda teria feito à primeira – nesse caso, é notável como o silêncio de recusar-se a falar comunica algo: “Estou chateado com você”.

Com a análise dos possíveis significados do silêncio nas interações, será possível reverter esse senso comum, comentado por Orlandi (2011), de que o silêncio seria o nada, traria passividade, ou até mesmo, “falta de traquejo social ou timidez” e, ainda, com uma conotação negativa, “equivalendo à falta de algo” (Bacalarski, 1991 apud Takasu, 1999, p. 43).

Na cultura brasileira, há a expressão popular “Quem cala consente”, que pressupõe que o silêncio como resposta significaria aceitação e consentimento diante de uma proposta ou opinião, porém acreditamos que nem sempre tal máxima demonstra-se correta: pelo contrário, muitas vezes o silêncio pode ser negativo e constrangedor, tanto para quem o profere quanto para quem o recebe na interação.

No Brasil, são hábitos comuns começar a conversar quando se está em uma fila muito demorada, quando senta-se lado a lado no transporte público, em uma sala de espera de um consultório médico, no elevador... Mesmo que

<sup>1</sup>Terminologia forjada pela Profa. Rosa Marina de Brito Meyer e utilizada na PUC-Rio para designar a área de pesquisa: Português como Segunda Língua para Estrangeiros.

não haja nada de muito interessante para se falar, muitas vezes parece que o silêncio incomoda, que ignorar a presença do outro ao lado é pior do que puxar assuntos banais, como falar do tempo, ou até mesmo bastante pessoais, como falar sobre a família, relacionamentos amorosos etc.

Esse aspecto da cultura brasileira gera estranhamento em muitos estrangeiros, pois não é em todas as culturas que o silêncio é entendido como negativo. "Conforme Bacalarski (1991 apud Takasu, 1999, p. 43).

em outras culturas e sociedades como no Oriente e nas tribos indígenas pode ser bem aceito, como demonstração de sabedoria e elevação interior.

Algumas culturas são mais silenciosas e não sentem tanta necessidade de comunicar-se verbalmente todo o tempo – o silêncio tem, para os integrantes dessas culturas, um valor positivo ou até neutro. Segundo Takasu (1999, p. 40),

ficar em silêncio pode ter significação diversa, ou seja, dependendo de quem o vê e de que cultura se vê, o significado do silêncio pode ter sentido positivo, negativo ou neutro (como ausência das palavras, abstenção da fala etc., sem carga positiva ou negativa).

Na sociedade chinesa, por exemplo, o silêncio é visto como demonstração de respeito, polidez e boa educação (GUO, 2016, p. 72), e, conforme Ouyang (2012, p. 99 apud GUO, 2016, p. 71), na conversa cotidiana dos chineses, o percentual de silêncio varia de 5% a 65%, ficando em geral entre 40% e 50% – basicamente a interação diária deles ocorre metade do tempo sem expressão verbal.

Os japoneses, quando utilizam elementos não-verbais para comunicar-se, como postura e expressão facial, não o fazem acompanhados de verbalização, como geralmente ocorre entre os ocidentais (Takasu, 1999, p. 44).

Também os finlandeses são adeptos do silêncio. Para eles, se o indivíduo não tem um tópico relevante sobre o qual conversar com o outro, não há por que conversar (Studarus, 2018), ou, como aponta a autora, eles não gostam de “conversa fiada”. Ela comenta o caso de um finlandês que morou em Los Angeles por dois anos, acostumou-se à cultura norte-americana e, de volta ao país de origem, ficou quase ofendido ao comprar um café em uma cafeteria, pois a conversa dele com o atendente ficou limitada ao produto que ele queria pedir.

## 1.1

### Justificativa

Diante dos fatos expostos, em interações interculturais, a escolha de um dos sujeitos por não desenvolver conversa pode gerar mal-entendidos, pelas diferentes perspectivas sobre o silêncio, a depender do olhar da cultura de cada um dos indivíduos que interagem. Portanto, torna-se indispensável o tratamento desse assunto no ensino de PL2E, para que o estudante estrangeiro tenha proficiência em seu contato com brasileiros, e que o aluno compreenda como o silêncio é empregado e interpretado, na cultura brasileira, em diferentes contextos – é importante destacar que, em uma mesma cultura, o silêncio pode assumir valores diferentes, a depender da situação comunicativa em que ele ocorre.

Infelizmente, em nossa pesquisa, não encontramos a presença desse conteúdo em materiais didáticos e teóricos de PL2E, logo este trabalho visa oferecer subsídios aos docentes de Português para Estrangeiros para que incluam o silêncio em suas aulas e, dessa forma, auxiliem seus alunos a alcançar maior proficiência em língua portuguesa – com isso, os aprendizes são capazes de usar o silêncio como ferramenta discursiva em suas interações.

Para tanto, fazem-se importantes a descrição e a interpretação das possibilidades de valores que o silêncio pode expressar em português brasileiro, que é o objetivo desta pesquisa.

## 1.2

### Objetivos

O objetivo geral da presente pesquisa é identificar, caracterizar e classificar os valores do silêncio em interações dialógicas, como forma de contribuir para o ensino-aprendizagem do PL2E a partir de uma base interculturalista.

Como objetivos específicos, buscamos:

- (i) identificar o silêncio como componente discursivo;
- (ii) identificar os valores – positivo ou negativo – que o silêncio pode assumir;
- (iii) apontar os fatores que têm influência no valor atribuído ao silêncio;
- (iv) avaliar o contexto comunicativo das ocorrências do silêncio;
- (vi) descrever de que forma o silêncio é uma ferramenta discursiva de proteção ou ameaça à face.
- (vii) interpretar o silêncio nas cenas destacadas no corpus; e
- (viii) apresentar proposta didática sobre silêncio para PL2E.

### 1.3

#### **Organização do trabalho**

Neste capítulo, que é o primeiro, constam a apresentação do tema, os nossos objetivos ( geral e específicos) e justificativas.

No segundo capítulo, apresentamos nossos pressupostos teóricos. Nele, apresentamos os conceitos de língua materna e segunda língua e os conceitos utilizados em nossa pesquisa, com base no interculturalismo e na pragmática; também apresentamos os pressupostos metodológicos e nosso corpus, com a contextualização dos longa-metragens selecionados para análise.

O terceiro capítulo trata da análise de dados, com a interpretação das cenas selecionadas e classificação dos valores do silêncio em positivo, negativo e ambíguo, à luz das teorias apresentadas no segundo capítulo.

No quarto capítulo, apresentamos uma proposta didática de base intercultural para que o tema desta pesquisa seja trabalhado em sala de aula de PL2E.

Por fim, no quinto capítulo há as considerações finais de nossa pesquisa e nos dois últimos, quinto e sexto, as referências bibliográficas e as transcrições das cenas selecionadas por ordem cronológica na narrativa.

## 2

## Pressupostos Teóricos

Como exposto no capítulo anterior, temos por finalidade estudar quais valores o silêncio pode ter em interações na língua portuguesa no Brasil, assim como os aspectos culturais e interculturais envolvidos no uso do silêncio como componente comunicativo. Para tanto, este trabalho terá como base teórica:

- os conceitos de primeira e segunda língua;
- o interculturalismo, que tem como foco as diferenças entre culturas e a influência delas em situações comunicativas interculturais; e
- a pragmática, que leva em consideração a interação, as situações comunicativas e a intenção dos interactantes.

Em seguida, apresentamos e explicamos os conceitos utilizados nesta pesquisa.

### 2.1

#### L1 e L2

A Primeira Língua (L1), como o nome sugere, é o primeiro idioma adquirido pelo falante. A L1 normalmente é adquirida na primeira infância, com os estímulos oferecidos ao redor do indivíduo: é geralmente o primeiro idioma que ele ouve e adquire. Também pode ser chamada de Língua Materna (LM), mas é importante destacar que esse termo não sugere que este é o idioma falado pela mãe; não necessariamente os estímulos para aquisição da língua são fornecidos por via materna – como no caso de crianças criadas em orfanatos, por exemplo.

Como aponta Revuz (2001, p. 215), “essa língua chamada ‘materna’ pode não ser a da mãe, a língua ‘estrangeira’ pode ser familiar, mas elas não serão jamais da mesma ordem”.

essa língua é tão onipresente na vida do sujeito, que se tem o sentimento de jamais tê-la aprendido, e o encontro com uma outra língua aparece efetivamente como uma experiência totalmente nova”(REVUZ, 2001, p. 215).

A L1 pode, por vezes, ser aquela com a qual o falante adulto se sente mais confortável e na qual tem maior nível de proficiência, mesmo tendo

sida adquirida posteriormente à língua materna – como é o caso de muitos imigrantes radicados há muito tempo no novo país

O idioma aprendido como uma “experiência totalmente nova” é aquele ao qual chamamos de Segunda Língua (L2), embora não necessariamente seja a segunda em ordem de aprendizado/aquisição; é uma língua distinta da L1, e que geralmente é usada no país em que ela é falada. Por exemplo, um brasileiro que aprende francês na França tem essa língua como L2; se ele aprendesse a língua francesa no Brasil, diríamos que é uma LE, ou seja, uma Língua Estrangeira, já que não é o idioma falado neste país – “uma língua estrangeira é um idioma não falado pela população de um determinado local” (Souto et al., 2014, p. 892).

Assim, neste trabalho todas as línguas aprendidas pelo falante após a sua L1 serão denominadas como Segunda Língua, independentemente da ordem em que forem aprendidas.

Na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), a Profa. Dr<sup>a</sup>. Rosa Marina de Brito Meyer cunhou a sigla PL2E, Português como Segunda Língua para Estrangeiros, para especificar o foco do trabalho com os alunos estrangeiros no ensino e pesquisa de português da universidade. A língua, nesse contexto, não é um idioma estrangeiro, pois é ensinada no Brasil, e é uma L2 para os alunos estrangeiros que a aprendem. Utilizaremos, portanto, essa terminologia em nossa pesquisa.

## 2.2

### **Interculturalismo**

O Interculturalismo é uma área interdisciplinar que tem como objeto de estudo os aspectos comunicativos presentes em interações interculturais, ou seja, entre diferentes culturas, em seus diversos contextos. O foco dos estudos interculturalistas está também em como os aspectos culturais podem interferir na comunicação entre pessoas de culturas distintas.

Esse campo de estudo teve origem na área da Educação e dos Negócios, conforme aponta Meyer (2013, p. 14), portanto não foi inicialmente pensada para os estudos da linguagem. Em meados do século XX, segundo a autora, com os movimentos migratórios dentro do continente europeu, os alunos imigrantes tinham dificuldades em seu processo de aprendizagem, o que gerou a preocupação em estudar o que estaria causando esses problemas; concomitantemente, o mesmo ocorreu nos Estados Unidos e, assim, o Interculturalismo começou a despontar na América do Norte e na Europa.

Além disso, Meyer (2013, p.15) destaca também que no universo dos Negócios a área de estudo em questão teve seus primeiros passos: por conta



das transações entre empresas de diferentes países, cresceu a demanda de compreender como negociar com parceiros ou até mesmo consumidores de culturas distintas; desse modo, as grandes empresas multinacionais buscavam alcançar uma comunicação mais eficiente entre culturas.

Diante disso, o objetivo final de tal área é oferecer subsídios àqueles que lidam com encontros interculturais, para evitar ao máximo os conflitos comunicativos nas situações comentadas. Diversos mal entendidos podem surgir em uma interação intercultural, por conta das diferentes visões de mundo dos interactantes: as estratégias comunicativas, o conceito de tempo, a ideia do que é ser polido ou impolido etc. Em resumo, o Interculturalismo pretende auxiliar na evitação de choques interculturais.

A respeito do Interculturalismo, Meyer (2013, p. 13) aponta que

só a partir de uma abordagem interculturalista – sem abandonar o foco na forma, claro – se poderá contribuir de forma efetiva para um ensino eficaz de PL2E, aquele que permitirá que o aprendiz não apenas produza sentenças do português corretas, mas também adequadamente contextualizadas, e empregadas por um falante que se comporte socialmente de forma também correta.

Sendo assim, como o objetivo maior da presente pesquisa é contribuir com o ensino de PL2E, destacamos que é de suma importância levarmos em conta os estudos interculturalistas para a análise do silêncio em interações na cultura brasileira.

Nesse âmbito, destacamos Richard D. Lewis, um linguista britânico e consultor de comunicação intercultural, que visitou mais de 130 países para estudar seus perfis culturais e, assim, escreveu o livro *When Cultures Collide – leading across cultures*, publicado pela primeira vez em 1966. Essa obra é uma espécie de guia que oferece um panorama de como lidar com pessoas de diversas culturas, explicando alguns aspectos culturais dos países por ele analisados.

Em seu livro, Lewis (2006) estabeleceu uma classificação escalar das culturas em três grandes grupos: a cultura multiativa (multi-active culture), a cultura linear-ativa (linear-active culture) e a cultura reativa (reactive culture). A categorização feita pelo autor está inserida em uma figura de um triângulo, no qual cada lado representa um eixo gradativo, como pode ser observado abaixo.

Os países estão alocados nos três eixos de acordo com suas características culturais: a) linear-ativa – da qual fazem parte os alemães e norte-americanos,

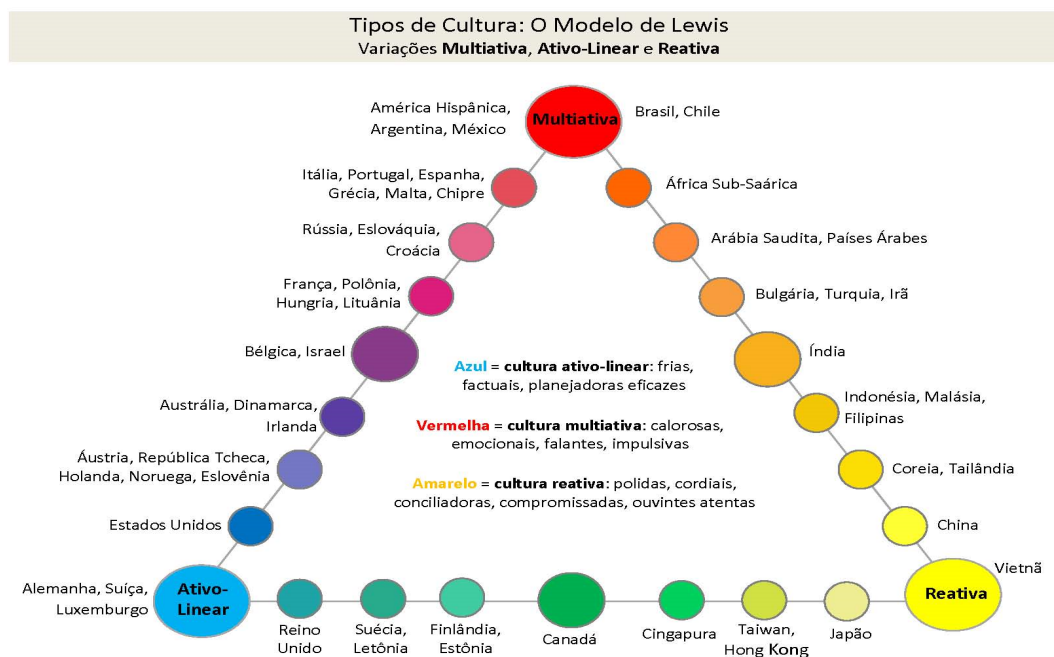


Figura 2.1: Tipos de cultura: o modelo de Lewis. (Lewis, 2006, p. 46 apud Paranhos, 2011, p. 35)

por exemplo, –, que se caracteriza por organização, faz uma ação por vez e gosta de planejar; b) multiativa – na qual estão incluídos os italianos e os latinoamericanos –, que tem como características ser prolixo, ser capaz de fazer muitas ações ao mesmo tempo e dar muita atenção às relações interpessoais; e c) reativa – na qual se encontram os chineses e japoneses –, que prioriza o respeito e a cortesia, valoriza pessoas silentes e calmas, que ouvem atentamente o interlocutor e reagem cautelosamente.

Como cada eixo representa um continuum, os países podem estar mais ou menos identificados com cada tipo de cultura: o Canadá, por exemplo, está exatamente no meio entre cultura linear-ativa e reativa, já o Reino Unido está bem mais próximo de linear-ativa.

A cultura brasileira é classificada pelo autor como multiativa por excelência, colocando-se exatamente no vértice deste tipo de cultura; mas, com o nome do país colocado à direita do vértice, o autor demonstra que nossa cultura tende à reativa. Portanto, tendo um comportamento basicamente caloroso, emocional, impulsivo e prolixo - característica esta que tem especial importância na presente pesquisa -, preza também pela polidez, cordialidade, conciliação e atenção ao outro.

Ao mesmo tempo que calorosos, somos conciliadores e, assim, evitamos conflitos; ao mesmo tempo que prolixos,

defendemos a face do outro, dando-lhe atenção; embora impulsivos, somos compromissados"(Meyer, 2013, p. 20)

Logo, as principais características atribuídas à cultura brasileira são as multi-ativas, porém também apresentamos alguns traços dos reativos, como explica Meyer, já que o Brasil está no eixo das culturas multiativas porém tendendo ao lado das reativas.

Conforme aponta Lewis (2006, p. xvi), pessoas de diferentes culturas compartilham os mesmos conceitos básicos, porém os enxergam de diferentes perspectivas, o que faz com que uma cultura possa considerar irracional ou contraditório o modo como a outra lida com determinado conceito.

O silêncio, tema desta pesquisa, também é tratado pelo Interculturalismo. A respeito disso, Lewis (2006, p. 7) afirma que esse componente comunicativo, em culturas distintas, pode ser interpretado de diferentes formas: uma reação de silêncio a uma proposta de negócios tende a ser vista por americanos, alemães, franceses, árabes e sul-europeus de forma negativa, ao contrário dos leste-asiáticos e finlandeses, que teriam uma perspectiva positiva; para estes, poderia ser encarada como um tempo necessário para pensar com cautela e responsabilidade.

Conforme aponta o autor, em uma conversa, a troca de turnos pode se dar em um intervalo de dois a três segundos para britânicos e alemães, mais do que para os gregos e os kuwaitianos, e ser quase imperceptível para os franceses, italianos e norte-americanos. Em oposição, os leste-asiáticos e os finlandeses veem as pausas na conversa como amigáveis e bastante apropriadas. Para os chineses, ficar em silêncio equivale a demonstrar que se presta atenção no que o outro diz, e falar em excesso pode indicar malícia, egoísmo e arrogância (LEWIS, 2006, p. 7). Por aí, depreende-se que este provavelmente seria o ponto de vista desses povos ao conversar com brasileiros, que têm o costume de falar muito mais. Nos Estados Unidos, Peru e Kuwait, a conversa é um processo de mão dupla, e um falante inicia seu turno assim que o outro para de falar (Lewis, 2006, p. 7). No Brasil, entretanto, é muito comum o turno ser disputado, e as falas serem sobrepostas, principalmente quando a conversa está muito interessante, conforme aponta Meyer (2016, p. 76).

Em geral, os brasileiros, assim como outras culturas multiativas, falam com o volume da voz mais alto do que os falantes das culturas reativas, e mesmo que os das linear-ativas. Aqui, em uma roda de conversa, quando estão todos engajados, os turnos são tomados rapidamente, sendo possível também que um falante fale mais alto para que os outros parem de falar e escutem o que ele tem a dizer, continuando assim o ciclo. Quando a conversa fica silenciosa

ou com poucas palavras, geralmente há algum problema comunicativo seguido de algum constrangimento.

Tal fato pode apresentar um obstáculo para representantes de outras culturas quando em contato com brasileiros: podem entender nossa atitude como mal-educada, uma demonstração de falta de respeito ao outro que está com o turno. Se um aluno de PL2E não estiver ciente dessas questões culturais, é possível que fique ofendido ao interagir com um brasileiro, sem saber que talvez a verbosidade do segundo pode estar indicando que está muito interessado na conversa – o oposto do que o estrangeiro estaria pensando.

Sobre esse problema, Lewis (2006) apresentou possíveis barreiras para a comunicação entre japoneses e latinos: os primeiros são tímidos, lentos, silentes e falam o mínimo, enquanto os segundos são extrovertidos, verborrágicos, falam rapidamente e possuem linguagem corporal. É o que demonstra o quadro abaixo:

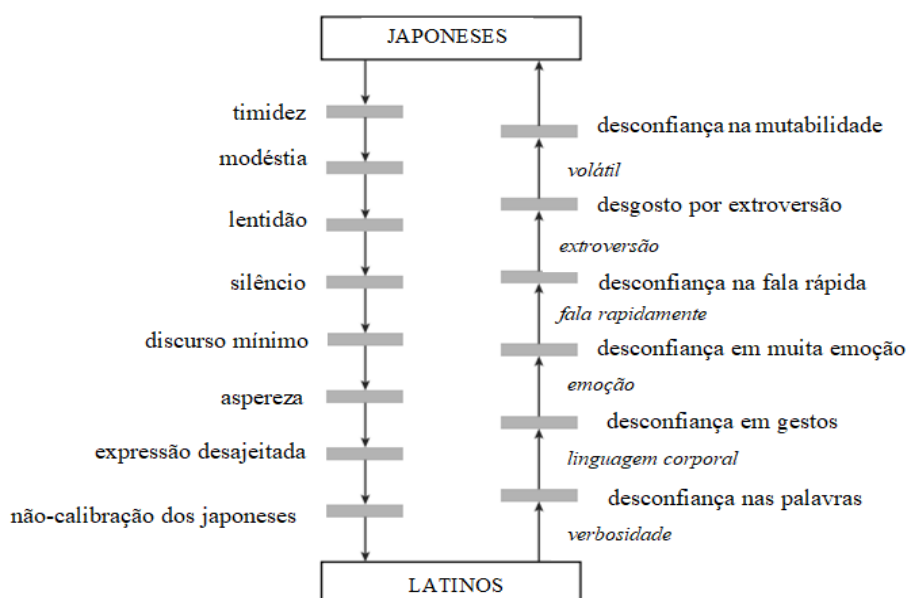


Figura 2.2: Barreiras para a comunicação entre japoneses e latinos (Lewis, 2006, p. 24, tradução da autora, doravante t.a.). Figura original em anexo (cf. 7.3).

O autor afirma que os brasileiros são prolixos ao extremo, ao mesmo tempo que usam expressões faciais e gestos para enfatizar suas ideias (p. 542), e destaca o fato de que eles também comumente interrompem o outro durante uma conversa, embora sem a intenção de serem rudes (p. 545).

Além disso, o autor ressalta que, no Brasil, normalmente, é preferível a fala contínua a momentos silenciosos. Dessa maneira, sugere que o silêncio

parece não fazer parte da comunicação no português brasileiro. Porém o silêncio existe na comunicação em português brasileiro e tem grande importância, como observaremos, a seguir, com o auxílio da pragmática.

## 2.3

### Pragmática

A pragmática compreende o fenômeno linguístico como um produto social, ou seja, um resultado da interação humana. Logo, esta teoria aborda não só os elementos internos da língua – como a fonologia e a sintaxe –, mas vai além, levando em conta os elementos extralinguísticos: o contexto comunicativo. Crystal (1985, p. 240) define essa abordagem como

o estudo da linguagem do ponto de vista de seus usuários, particularmente das escolhas que eles fazem, das restrições que eles encontram ao usar a linguagem em interações sociais, e dos efeitos que o uso da linguagem, por parte desses usuários, tem sobre os outros participantes no ato da comunicação.

São levados em consideração, portanto, os elementos extralinguísticos envolvidos nas interações: as relações sociais entre os participantes do ato de comunicação, a situação comunicativa (onde e quando ela ocorre) etc.; esses são fatores externos ao enunciado verbal, mas que interferem na comunicação.

Nesse sentido, Oliveira (2013, p. 238) destaca que o diferencial da pragmática foi a perspectiva da língua como “produto e processo da interação humana, da atividade sociocultural”. Nessa perspectiva, aponta também que os sentidos moldam as estruturas linguísticas que os veiculam.

Ganham destaque os modos de dizer, as intenções (conscientes ou não) comunicativas, as informações implícitas, a eficácia do ato de fala, isto é, as condições de felicidade desse ato; enfim, privilegia-se o contexto extralinguístico e o ponto de vista do usuário de língua para se atingir (sic) os sentidos veiculados pelo texto (OLIVEIRA, 2013, p. 240).

Conforme já foi ressaltado, o contexto extralinguístico e as intenções comunicativas são essenciais em estudos pragmáticos, e por isso serão de suma importância em nossa pesquisa.

Como bem destaca Oliveira (2013, p. 240), uma das contribuições da pragmática no ensino-aprendizagem de língua é “a investigação das formas de

comportamento e expressão de sentimentos, calcadas na teoria da polidez, de acordo com a cultura de cada comunidade”. Por esse motivo, a abordagem pragmática será de grande contribuição para esta pesquisa: para avaliarmos o silêncio como um componente comunicativo que expressa sentimentos e se relaciona diretamente à questão da polidez, os conceitos da pragmática são essenciais.

### 2.3.1 Silêncio

Ephratt, em “The functions of silence” (2008, p. 1910), diferencia o silêncio da pausa do silêncio eloquente: o primeiro seria aquele entre a fala, entendido como “nada”, apenas como espaço vazio, silêncio entre palavras; já o segundo agruparia informações, é signo linguístico. Ainda segundo a autora, os estudos linguísticos dos anos 1970 associavam o silêncio a negatividade, passividade, impotência e até mesmo morte; esse componente linguístico era tratado como ausência – de fala, de sentido e de intencionalidade.

Entretanto, na década de 1990, o olhar para o silêncio começou a mudar, por conta do desenvolvimento da área da Pragmática, e foi-se caracterizando o silêncio eloquente, entendido como algo que expressa significado tanto quanto a fala. Esse tipo de silêncio, que nos interessa nesta pesquisa, é “um meio ativo escolhido pelo interlocutor para comunicar sua mensagem”<sup>2</sup> (Ephratt, 2008, p. 1913, t.a.), portanto, é um discurso do interlocutor que possui intencionalidade e significado; é um recurso escolhido ativamente pelo falante para comunicar algo.

Segundo Poyatos (2002, II, p. 299 apud Ephratt, 2008, p. 1911, t.a.)<sup>3</sup> ,

a linguística desperdiçou muitas oportunidades de pesquisa oferecidas pelo silêncio... raramente os linguistas se referem ao silêncio como um componente da interação

Apesar de o silêncio ter sido ignorado ou apenas entendido como falta de discurso, como lacuna ou espaço em branco, alguns autores o têm estudado levando em consideração seus possíveis valores e significados, como a autora Deborah Tannen (1985), em seu “Silence: Anything but”, no qual apresenta uma perspectiva da pragmática a respeito do silêncio. Nesse artigo, a autora analisa uma comunidade de judeus dentro de Nova Iorque e sua relação com

<sup>2</sup>“Eloquent silence alone (not stillness, pauses, or silencing) is an active means chosen by the speaker to communicate his or her message”.

<sup>3</sup>“Linguistics has wasted many research opportunities offered by silence ...rarely have linguists referred to silence as a component of interaction”.

o silêncio; para isso, estabelece que tal componente da comunicação pode ter valor positivo ou negativo.

O silêncio, segundo a pesquisadora, tem por isso um valor ambíguo, que se dá pelo que é entendido como evidenciado ou como omitido na interação (Tannen, 1985, p. 94).

O silêncio positivo ocorre quando é tomado como uma demonstração da existência de algo positivo subentendido, ou também como uma omissão de algo negativo. Já o silêncio negativo pode ser aquele que expressa a existência de algo ruim ou aquele que omite algo bom.

O silêncio é a extrema manifestação da indiretividade. Se indiretividade é um modo de dizer uma coisa querendo dizer outra, o silêncio pode ser uma forma de dizer nada e significar alguma coisa. Como a indiretividade, o silêncio tem dois grandes benefícios nas relações interpessoais e na defesa (Tannen, 1985, p. 97, t.a.).<sup>4</sup>

Tannen (1985) aponta o silêncio como uma manifestação da indiretividade – outra característica de culturas multiativas, como a brasileira – e destaca o fato de ele poder significar algo sem dizer nada. Além disso, propõe que o silêncio traz benefícios nas relações interpessoais, também como defesa: quando o silêncio traz valor positivo, expressando algo bom subentendido, como apresentado acima, ajuda na harmonia da comunicação; a estratégia defensiva ocorre quando omite-se algo negativo, que poderia gerar um conflito ou até quando permite que se negue mais tarde um posicionamento – fica-se em silêncio e, depois, pode-se dizer: “Eu não disse nada!”.

### 2.3.2 Face

Todo indivíduo, conforme defende Goffman (1967), vive em um mundo de encontros sociais, sejam eles face a face ou por intermédio de alguma outra pessoa. Nesse contexto, o autor conceitua face como “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si” (Goffman, 1967, p. 5, t.a.)<sup>5</sup>. Isso significa que, em uma interação, a face seria a imagem positiva que uma pessoa deseja mostrar e preservar, para ser bem vista e até mesmo aceita dentro daquele determinado contexto comunicativo; a face é uma imagem pública socialmente aprovada.

<sup>4</sup>“Silence is the extreme manifestation of indirectness. If indirectness is a matter of saying one thing and meaning another, silence can be a matter of saying nothing and meaning something. Like indirectness, silence has two big benefits in rapport and defensiveness.”

<sup>5</sup>“The term face may be define as the positive social value a person effectively claims for himself”.

Essa impressão que se deseja transmitir deve ser mantida durante a interação e, dessa forma, o autor discorre sobre a expressão “salvar a face” (to save the face). Um interactante pode agir de duas maneiras nesse sentido, conforme Goffman (1967, p. 12): pode salvar sua própria face ou mesmo a face do outro. Na primeira situação, que demonstra autodefesa, a motivação poderia ser o apego emocional a sua própria face, seu orgulho ou honra, seu possível status etc. Na segunda, possíveis razões seriam o apego emocional à imagem do outro, o sentimento de que o outro teria um direito moral a tal proteção ou o desejo de evitar uma possível hostilidade caso o outro perca a face – esta última demonstra-se especialmente importante em nossa pesquisa.

Buscando salvar sua própria face, a pessoa tem uma orientação defensiva e, tentando salvar a face do outro, uma orientação protetora, conforme aponta Goffman (1967, p. 14). A depender da situação, é preferível uma orientação a outra, porém defende o autor que esperam-se as duas perspectivas simultaneamente, já que quando uma pessoa tenta defender a face do outro acaba por salvar a sua própria também; e é possível que, ao tentar salvar apenas sua própria face, ela acabe por perdê-la.

A cortesia verbal surge como resultado da procura deste equilíbrio entre o desejo de manter a própria face e a face dos outros interlocutores. O sujeito irá usar todas as estratégias disponíveis na sua cultura para evitar ameaçar a face dos seus interlocutores, pois sabe que tal ameaça reverteria de forma muito negativa na sua própria face, já que desrespeitaria um dos importantes requisitos sociais ao colocar em risco o tão desejado equilíbrio. (Sousa, 2010, p. 10)

Logo, torna-se necessário tal equilíbrio de manutenção das faces, tanto a própria quanto a do outro, para que o sujeito demonstre-se polido durante a interação e, assim salve sua própria face.

Por fim, nossa base teórica leva em consideração o silêncio eloquente – sem abordar as pausas, momentos de quietude ou mesmo de silenciamento –, o silêncio intencional, que ocorre quando seria esperado que o falante dissesse algo, mas isso não acontece. Para tanto, utilizaremos as categorias dos valores de silêncio delimitadas por Tannen (1985) e também o conceito de face, para analisar o contexto e as situações em que o silêncio é utilizado como estratégia de proteção à face (própria ou do outro). Com o auxílio de todas essas teorias, torna-se possível estudarmos se o brasileiro, como defende Lewis (2004), demonstra preferência por momentos de fala a silêncios e, caso isso



seja positivo, com que finalidades os integrantes da cultura brasileira utilizam o silêncio em seu discurso.

## 2.4

### Metodologia

A presente pesquisa tem base qualitativa interpretativa, por esse modo de análise ser adequado aos nossos propósitos de investigação científica: analisar e classificar os valores do silêncio em interações em língua portuguesa. Conforme Minayo (2011, p. 623), a interpretação é fundada na compreensão, e interpretar significa desenvolver possibilidades que são delineadas a partir do que é compreendido. Logo, diante do que compreende-se do corpus, delimita-se a interpretação dos dados coletados.

Nosso corpus é composto por 29 cenas, coletadas de dois filmes de longa-metragem brasileiros: *Que horas ela volta?* (2015) e *Como Nossos Pais* (2017). Os diálogos foram transcritos e numerados, sendo o primeiro referido como QC e o segundo como CC, seguidos da numeração referente à ordem cronológica das cenas recortadas em cada um. Todas as cenas coletadas encontram-se na ordem cronológica de suas narrativas no anexo a este texto.

Ao longo da análise, nas categorias que contemplam cenas dos dois filmes, segue-se a sua ordem cronológica de lançamento, ou seja, são apresentados primeiramente as cenas de *Que horas ela volta?* (2015) e, em seguida, as de *Como Nossos Pais* (2017).

É necessário ressaltar que não foram utilizadas as regras de transcrição da sociolinguística interacional – apesar de serem relevantes para as análises da referida área –, porque o objetivo da presente pesquisa não é dar destaque a cada um dos fenômenos representados por tal transcrição, e sim apresentar o contexto comunicativo e os momentos em que o silêncio aparece como elemento discursivo. Além disso, não será feita transcrição fonética dos diálogos selecionados, igualmente por não contribuir para o atingimento do objetivo desta pesquisa.

Em seguida, as cenas são interpretadas, de acordo com o contexto e as reações das personagens, com base nos diferentes valores do silêncio destacados por Tannen (1985) e também à luz da classificação de Lewis (2006), que identifica o brasileiro como um povo com muita verbosidade e pouco tolerante ao silêncio, de modo a se verificar se isso pode ser confirmado.

As cenas escolhidas foram apenas as que apresentaram, dentro das interações entre as personagens, o silêncio como resposta; houve outros momentos silenciosos, porém apenas foram considerados os silêncios como resposta a uma pergunta ou a uma fala: momentos em que, quando um falante abandona o

turno, esperando uma resposta do outro, este permanece quieto, pois o objetivo desta pesquisa não é o de avaliar o silêncio em geral, mas como componente do discurso, ou seja, um momento em que ele expressa valor discursivo, em que pretende comunicar algo em não dizer.

Sendo uma análise interpretativa, faz-se necessário comentar que a interpretação

nunca será a última palavra sobre o objeto estudado, pois o sentido de uma mensagem ou de uma realidade está sempre aberto em várias direções. No entanto, quando bem conduzida, ela deve ser fiel ao campo de tal maneira que caso os entrevistados estivessem presentes, compartilhariam os resultados da análise (Minayo, 2011, p. 625).

Portanto, em nossa interpretação, houve o cuidado de avaliar toda a situação comunicativa, a história das personagens da narrativa e sua relação com as outras.

A transcrição revelou que variados aspectos contextuais foram relevantes para a interpretação dos valores do silêncio nas cenas, como expressão facial e linguagem corporal. Fazemos menção a alguns deles na análise de dados (cf. 3), embora não sejam o centro de nosso estudo.

### 2.4.1

#### **O corpus**

Filme 1:

Título: Que horas ela volta? (Original)

Ano: 2015

Direção: Anna Muylaert

Duração: 114 minutos

País de origem: Brasil

O longa-metragem analisado narra a história de Val, uma empregada doméstica que saiu do Nordeste para trabalhar de babá em São Paulo, onde já vive há dez anos, morando na casa dos patrões. Ela teve de deixar sua filha, Jéssica, em sua terra natal e as duas têm pouco contato, até que a menina vai para a metrópole para prestar vestibular na USP e fica hospedada com a mãe na casa dos patrões.

O comportamento servil de Val, que preza pelo respeito à hierarquia no trabalho, incomoda a filha, que acredita que a mãe não deve aceitar ser tratada “como uma cidadã de segunda classe”.

As personagens são: Val, protagonista; Jéssica, sua filha; Bárbara e Carlos, seus patrões; Fabinho, filho do casal, e Edna, outra funcionária da casa.

A escolha desse filme como corpus está relacionada ao fato de ele ser recente (2015) e, logo, abordar questões pertinentes ao momento atual, e por aproximar-se bastante de interações autênticas – esses dois fatos são corroborados pelo fato de o longa-metragem ter recebido muitos prêmios <sup>6</sup> e ter sido bastante comentado pela crítica e pelo público em geral. Nele, também podemos observar interações entre familiares, entre patrões e empregados e entre amigos da mesma classe social – logo, em classes mais e menos favorecidas, e entre elas.

Filme 2:

Título: Como Nossos Pais (Original)

Ano: 2017

Direção: Laís Bodanzky

Duração: 120 minutos

País de origem: Brasil

O filme conta a história de Rosa, uma mulher de 38 anos, que vive um casamento infeliz e tem o sonho de ser dramaturga, mas trabalha produzindo material de propaganda para empresas de cerâmica de banheiro. Sua relação com Clarice, sua mãe, é complicada e esta, intelectual da área da Educação, critica o trabalho da filha e enaltece seu genro, Dado, antropólogo que luta por causas indígenas e da Amazônia.

Em um jantar de família, Clarice conta a Rosa que Homero, ex-marido de Clarice, não é seu pai biológico. Isso desencadeia uma busca de autoconhecimento na protagonista, que está exausta pela sobrecarga da vida cotidiana cuidando das filhas, além do trabalho indesejado, da crise no casamento e da relação ambígua com a mãe.

A figura a seguir apresenta uma árvore genealógica da família da protagonista Rosa, para que o leitor compreenda de forma rápida a relação existente entre as personagens.

Rosa é casada com Dado, com quem teve duas filhas, que são ainda crianças na narrativa; Roberto, pai biológico de Rosa, foi um homem com quem a mãe teve um caso durante um congresso e Clarice foi casada com Homero, com quem teve Cacau, irmão de Rosa. Homero, por sua vez, teve

<sup>6</sup>O filme recebeu os seguintes prêmios no 15º Grande Prêmio do Cinema Brasileiro: Melhor longa-metragem de ficção, Melhor direção, Melhor atriz, Melhor atriz coadjuvante, Melhor roteiro original e Melhor montagem ficção. No âmbito internacional, ganhou o Prêmio do público no Internationale Filmfestspiele Berlin e o Prêmio de Melhor atriz, no Sundance Film Festival (2015).

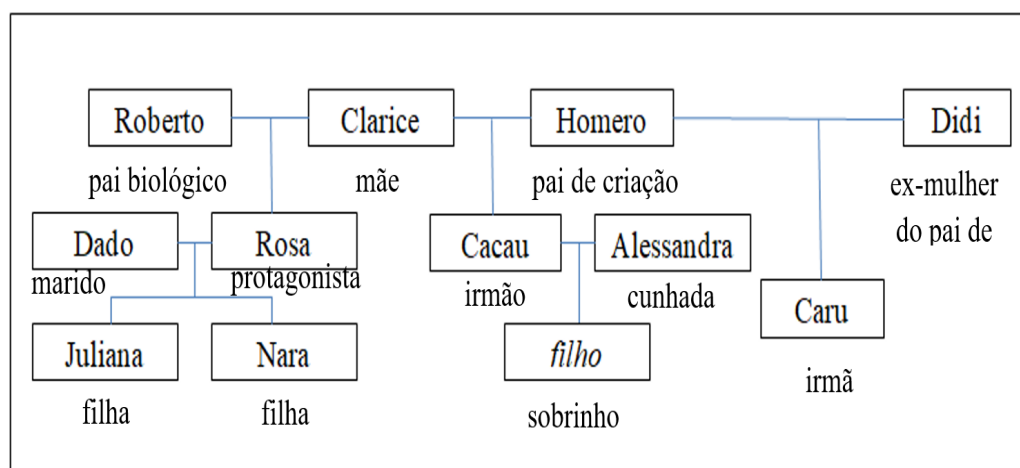


Figura 2.3: A família de Rosa.

uma filha com Didi: Caru, uma adolescente (na narrativa, Homero e Didi já são separados).

Além das personagens apresentadas no quadro, é relevante para a análise a personagem Pedro, que é pai de um menino que estuda com as filhas de Rosa. Pedro e Rosa começam uma amizade após um encontro no mercado, e a relação deles desenvolve-se para tornarem-se mais do que somente amigos.

Optamos por esse longa-metragem por ser também muito recente (2017) e, portanto, apresentar questões pertinentes à atualidade, e por tratar de temas familiares e interpessoais comuns em uma família de classe média. O filme parece aproximar bastante suas interações com as da realidade cotidiana, em uma cidade metropolitana brasileira, entre indivíduos de classe média.

## 2.4.2

### Limitações

As limitações de nossa pesquisa estão relacionadas ao fato de as interações analisadas não serem autênticas, pois são fruto de uma produção artística ficcional. Logo, alguns dados podem não refletir exatamente o que ocorreria em situações comunicativas naturais em português do Brasil, embora, em busca de verossimilhança, as obras tenham sido elaboradas de tal modo que se aproximem de contextos reais – por isso o uso já reconhecido de obras ficcionais como corpus de pesquisas científicas.

Além disso, o corpus reflete um recorte geográfico e social da língua, pois as variedades linguísticas apresentadas são relativas à classe média, à elite e às classes baixas do eixo Rio de Janeiro-São Paulo; não é levada em conta a diversidade linguística de todo o país, apenas a do sudeste (São Paulo, onde se passam as duas narrativas) e do nordeste (na fala das personagens imigrantes

Val e Jéssica).

Também faz-se necessário destacar que, por termos utilizado obras ficcionais de acesso público como objeto de estudo, não houve necessidade de submissão da pesquisa à Comissão de Ética da PUC-Rio.

Por fim, a formatação desta dissertação de mestrado segue as regras das normas de publicação da Coordenação Central de Pós-Graduação e Pesquisa (CCPG) da PUC-Rio.<sup>7</sup>

<sup>7</sup>As normas de publicação da CCPG (PUC-Rio) estão disponíveis em <https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/normas/>.

### 3

## **Análise de dados**

Para a análise de dados, como afirmamos em 2.3.1, utilizamos as cenas em que, dentro de uma situação comunicativa, ocorre o silêncio em resposta a uma afirmação ou a uma pergunta; os momentos silenciosos que não contemplaram esse critério foram desconsiderados. Essas são interpretadas levando-se em conta o contexto da situação de comunicação em cada uma delas, como: a situação dentro do enredo geral; os indivíduos envolvidos; o tipo de relação existente entre eles; as respectivas classes sociais; os anseios e sentimentos de cada um. É importante destacar mais uma vez que a análise aqui realizada tem base interpretativa, portanto o significado dos silêncios destacados não se esgota em nossa análise, já que a interpretação de um significado não é algo objetivo e único, mas possui mais de uma possibilidade.

Essa interpretação nos leva a classificar os dados em três categorias, de acordo com o valor do silêncio apresentado nas cenas: 1) Silêncio de Valor Positivo; 2) silêncio de valor negativo; e 3) silêncio ambíguo, este proposto por nós neste trabalho. As duas primeiras têm por base Tannen (1985) e são subdivididas respectivamente em duas subcategorias segundo o que se pretende evidenciar ou ocultar: a primeira, Silêncio de Valor Positivo, (i) evidencia a existência de algo positivo ou (ii) omite algo negativo; já a segunda, Silêncio de Valor Negativo, engloba os silêncios que (i) evidenciam a existência de algo negativo ou (ii) omitem algo positivo.

Além das categorias de Tannen (1985), estamos aqui propondo a criação de uma terceira - Silêncio Ambíguo/Paradoxal -, já que alguns dos dados não demonstraram ser totalmente positivos ou negativos, mas sim ambíguos e, por vezes, paradoxais.

### **3.1**

#### **Silêncio de valor positivo**

Esta categoria, como vimos acima, foi subdividida em valor positivo por evidenciar a existência de algo positivo ou omitir algo negativo. No filme *Que horas ela volta?* (2015) não foram encontrados dados de valor positivo por existência de algo positivo; já no filme *Como Nossos Pais* (2017), por outro lado, não foram encontrados dados de silêncio de valor positivo por omissão

de algo negativo.

### 3.1.1

#### Existência de algo positivo

Observemos as seguintes cenas:

**CC9:** Nara está pedindo a Rosa, sua mãe, para comprar outros óculos para a menina, e as duas discutem.

Rosa: Eu já ouvi, a gente vai comprar outro! Fala direito, cara!

Nara: Então vamos comprar hoje!

Rosa: Então fala direito. Eu não recebo ordem! [levanta o dedo] Tá? Se você quiser conversar, eu converso com você; falando desse jeito não vai funcionar.

Nara e Juliana: (silêncio)

Aqui, após uma repreensão da mãe, as meninas respeitam seu pedido e permanecem caladas, logo o silêncio demonstra valor positivo por evidenciar algo positivo: a obediência à solicitação materna – ao ser solicitada que ficasse calada, Nara segue o que foi pedido por Rosa, aceitando que não deveria ter falado daquela forma com a mãe. A aceitação da repreensão da mãe é algo positivo: elas concordaram em ficar caladas, logo há evidência de algo positivo. As meninas também utilizam o silêncio como proteção à própria face de filhas: obedecendo à mãe, elas mantêm uma face de boas filhas e evitam maiores discussões com os pais.

**CC10:** Rosa está fazendo compras no mercado e Pedro, pai de um colega da escola de Nara e Juliana, a encontra no caixa.

Pedro: Ei! Mãe da... Juliana. Tudo bom?

Rosa: E aí, pai do Henrique, tudo bem?

Pedro: Tudo bom, você não foi na reunião dos pais...?

Rosa: É, não deu, a Juliana estava com febre.

Pedro: Ah... Não estou vendo vinho no seu carrinho... Você... não vai levar nenhum?

Rosa: (fica em silêncio, rindo contidamente)

Nesse caso, o silêncio de Rosa sugere acanhamento; ela fica envergonhada pela pergunta de Pedro, que soou como um flerte, e a personagem ri de forma contida, demonstrando que recebe a investida positivamente, como pode ser observado posteriormente na narrativa, com o envolvimento que surge entre os dois personagens. O fato de ter preferido o silêncio a uma fala mais enfática pode preservar sua face: ela é casada e não poderia dizer algo de forma mais

enfática porque isso ameaçaria a face de Rosa. Por isso, o valor expresso pelo silêncio é positivo, por evidenciar a aceitação do flerte de Pedro.

**CC14:** Rosa encontra Pedro no mercado e lá os dois degustam vinhos. Ela conta a ele como está se sentindo e sobre a peça que escreveu.

Rosa: (...) Eu devia ter escrito essa frase no segundo ato da minha peça.

Pedro: Ah, escreve lá!

Rosa: Não, agora não dá. Eu perdi o prazo do concurso, já foi.

Pedro: Mas você escreve pro concurso ou pra você?

Rosa: (olha para ele calada e sorri de forma contida).

Nesse exemplo, a pergunta retórica de Pedro cumpre seu papel: estimula a reflexão de Rosa acerca de sua escrita, fazendo-a entender que ela não deveria escrever apenas para um concurso, mas para ela mesma. Por isso, Rosa fica em silêncio e sorri, demonstrando que entendeu a finalidade do questionamento feito por Pedro e o aceitou, logo o silêncio é positivo por evidenciar o sentimento positivo de concordância com o que o interlocutor havia dito.

**CC16:** Rosa e Clarice estão no carro conversando sobre problemas que Rosa está tendo com sua filha.

Clarice: Minha filha, isso tem começo, mas não tem fim. Olha você! Rosa: Até parece!

Clarice: Toda a vida falou comigo com um chicote na mão, Rosa. Mas é assim mesmo: chega um determinado momento em que a definição de "mãe" no dicionário é aquela que não sabe nada! A gente vira um idiota de plantão pro resto da vida. Mas eu não tô reclamando, é só pra você não ser pega de surpresa. A minha mãe esqueceu de me avisar, eu demorei muito tempo pra entender.

Rosa: (silêncio)

Clarice: Vamos embora?

Nessa situação, Rosa está ouvindo um ensinamento sobre a vida, então seu silêncio pode significar escuta e respeito. Além disso, também pode ser um silêncio de reflexão acerca da lição que recebeu e, por isso, demonstra valor positivo com evidência de algo positivo: o respeito e a acolhida ao ensinamento da mãe.

**CC17:** Rosa e Clarice estão na casa desta. Enquanto a mãe molha as plantas, Rosa repara no sapato da mãe, que haviam comprado juntas



anteriormente.

Rosa: Você tinha razão, sobre o sapato vermelho.

Clarice: (faz silêncio, pisca um olho e sorri)

A filha faz um elogio ao sapato da mãe, porque, quando saíram para comprá-lo, Rosa havia dito que seria melhor o de cor preta, mas Clarice preferiu o vermelho. Assumindo que o vermelho lhe caiu bem, Rosa diz que a mãe tinha razão. Clarice, por sua vez, responde apenas com o silêncio, uma piscada e um sorriso, concordando com a filha, ainda que não verbalmente. Conclui-se que é um silêncio de valor positivo por evidenciar o sentimento positivo de Clarice a respeito do elogio da filha: ela ficou feliz ao ser elogiada e também por Rosa assumir que Clarice estava certa quanto ao sapato. Nesta cena, o silêncio pode ser um recurso de proteção à face de Rosa: em vez de a mãe dizer algo como “eu estava mesmo com a razão”, o silêncio apenas deixa evidente o sentimento positivo, sem possibilidade de gerar quaisquer desentendimentos.

### 3.1.2

#### Omissão de algo negativo

Observem-se as cenas a seguir:

**QC3:** Jéssica chega à casa dos patrões de Val e é apresentada a eles após o jantar.

Bárbara - Sua mãe disse que você veio fazer vestibular, é isso?

Jéssica - É...

Bárbara - Pra que você vai fazer?

Jéssica - Arquitetura.

Bárbara - Arquitetura?!

Fabinho - Na FAU?!

Jéssica - É, na FAU.

Bárbara - (silêncio) (com olhar de preocupação e estranhamento)

Carlos - (silêncio)

Val - (preocupada) O que é, dona Bárbara? Qual é o problema?

Fabinho - Não, é que a FAU é uma das faculdades mais difíceis de entrar...

Val: É difícil, é, dona Bárbara?

Bárbara: É, bem concorrido.

Jéssica: É, eu estou sabendo...

Na cena 3, Bárbara e Carlos ficam em silêncio provavelmente por não acreditarem que Jéssica seria capaz de passar para um curso como Arquitetura, na Universidade de São Paulo (USP). Como esse vestibular é muito concorrido e a menina tem origem humilde, eles acreditam que ela não teria tido uma boa educação escolar para garantir uma vaga. Para não serem rudes, eles preferem não emitir sua opinião, ficando calados e, assim, protegendo sua própria face e a face de Jéssica e Val.

É um caso de silêncio classificado por Tannen (1985) [cf.2.3] como positivo, pois omite a opinião negativa. Isso fica claro na reação de Val, que entende que eles estavam ocultando algo ruim, tanto que pergunta “Qual é o problema?”.

**QC5:** Val e Edna conversam sobre Jéssica, após a menina ter almoçado com Carlos, na mesa em que só os patrões têm o costume de comer.

Val - “Não tem um docinho?”, ela perguntou. “Não tem um docinho?”, meu Deus do céu...

Edna - (balançando a cabeça em sinal negativo) Não se levanta quando se entra na cozinha...

Val - Edna, fazendo um favor? Sou eu que estou falando de Jéssica! Não é pra tu falar de Jéssica, eu estou falando de Jéssica!

Edna - (silêncio) (faz sinal com a mão indicando que está fechando a boca)

Val - (resmungando enquanto limpa uma travessa)

Na cena, ocorre uma situação um pouco diferente: Edna responde com um silêncio porque Val impõe isso a ela, pedindo que ela somente escute as reclamações desta a respeito da filha. É mais um caso de silêncio positivo, desta vez por omitir algo negativo (a crítica ao comportamento de Jéssica). Val não teve preocupação em ameaçar sua face ou a face de sua colega de trabalho, mas Edna, pelo contrário, ficou quieta também como recurso de proteção a sua própria face.

## 3.2

### Silêncio de valor negativo

Esta categoria é aquela em que encontraram-se mais ocorrências. Está subdividida, conforme Tannen (1985), (i) por evidenciar a existência de algo negativo ou (ii) por omitir algo positivo. Na segunda subcategoria não foram encontrados dados de Como Nossos Pais (2017).

### 3.2.1

#### Existência de algo negativo

Observem-se as cenas:

**QC1:** Val e a outra empregada da casa estão fazendo faxina e conversam sobre o filho da segunda, o qual está com problemas intestinais há alguns dias.

Val – Também, tu só dá Mucilon, Mucilon, Mucilon... Ele não pode comer só Mucilon, tem que comer uma fruta, uma comida!

Edna – Coitadinho... chega a noite... ele gosta, fica contente!

Val – Ele gosta... Criança não tem que querer não, minha filha! Tu denga demais! Bolas!

Edna – É fácil falar, né? Difícil é criar filho sozinho... Chega a noite, eu quero ver a carinha... dando uma risada...

Val – (silêncio)

Edna – Desculpa...

Nessa cena, a conversa entre as duas se desenvolve naturalmente, com Val fazendo observações e críticas a respeito da alimentação do filho da colega, o que corresponde ao aspecto prolixo do brasileiro (Lewis, 2006, cf.2.2). Porém, quando a amiga diz que, na teoria, é fácil, mas no dia a dia é difícil não mimar seu filho, Val, que antes falava bastante, lhe responde com um silêncio, pois ela tem ressentimentos em relação a tal assunto. Val não pôde criar sua filha, então o comentário de sua colega tocou em seu ponto fraco, deixando-a triste, pois ser lembrada de que não criou a filha a magoa.

O silêncio com valor negativo é compreendido pela colega, que chega a pedir desculpas a ela; a moça compreende que sua fala ofendeu Val, que demonstrou sua mágoa ficando calada. Edna percebe que feriu a face de Val e, para recuperar sua própria face, pede desculpas. Logo, o silêncio aqui é de valor negativo, por representar a tristeza e a dor de Val.

**QC2:** Val busca Jéssica e elas conversam no ônibus a caminho da casa dos patrões.

Val – E teu pai?

Jéssica – O que é que tem?

Val – Teu pai... Como é que ele está?

Jéssica – Está falando comigo não...

Val – O que é que tu aprontasse?

Jéssica – Besteira dele...

Val - Besteira é que não foi para teu pai não estar falando contigo.

Jéssica - (silêncio)

Val - ( mudando de assunto) Está gostando?

Durante a conversa, Val está tentando ter uma interação com a filha, com quem não tem intimidade. Quando a mãe pergunta sobre o pai, Jéssica diz poucas palavras e, ao informar que ele não está falando ela, Val, no papel de mãe, chama a atenção dela, querendo saber o que ela fez de errado. Jéssica, então, fica calada, pois não quer contar à mãe o motivo, e quer evitar o assunto; após alguns segundos de silêncio, Val introduz um novo assunto, perguntando à filha se está gostando da cidade.

Percebe-se aqui como o silêncio pode incomodar, pois logo a mãe busca algo sobre o que conversar com a filha, e assim mudar a quietude constrangedora da conversa que estava deixando evidente a falta de intimidade e assunto entre as duas e ameaçando a face das duas participantes da interação. O silêncio, portanto, por evidenciar a existência de algo negativo – a ausência de proximidade – pode ser considerado também negativo.

**QC7:** Após Jéssica e Val não conseguirem outro local para morarem, elas retornam à casa. Carlos entra na cozinha, onde está Jéssica.

Carlos - Você voltou.

Jéssica - (silêncio)

Carlos - Não deu certo o quarto?

Jéssica - É, não deu não...

Carlos - Quer água?

Jéssica - Já tem aqui.

Carlos - (silêncio) Você sabe que a casa aqui é... como se fosse sua. Qualquer coisa que você precisar... a casa ficou até meio... vazia, sabe?

Jéssica - (silêncio) Obrigada.

Carlos - Você acredita em reencarnação?

Jéssica - Não sei... Nunca pensei muito sobre isso...

Carlos - Eu não acredito. Eu não acredito porque eu acho que é só essa vez, sabe? Então... às vezes a gente fala umas coisas que pode parece até que é loucura, sabe? Mas, se eu não falo, talvez isso seja loucura, se é só essa vez, sabe? É...

Jéssica - (silêncio)

Carlos - Quer casar comigo?

Jéssica - (silêncio) (ri)

Carlos - Casa comigo... Eu te levo onde você quiser...

Jéssica - (silêncio) É... (ri sem jeito)

Carlos - Calor, né? (murmura algo)

Jéssica - Desculpa, Zé Carlos...

Carlos - Desculpa.

Jéssica - Eu não sei nem o que dizer...

Carlos - Sim, diz sim. Diz sim.

Jéssica - (silêncio)

Carlos - Casa comigo.

Jéssica - Não, eu não...

Carlos - Desculpa, desculpa.

Jéssica - Eu não estou entendendo...

Desde o início da interação, Jéssica está desconfortável, pois ela queria morar em outro local que não a casa dos patrões de sua mãe, e também pela situação conflituosa gerada pelo seu banho de piscina. Por isso, quando Carlos, patrão de sua mãe, inicia a conversa, a moça ora fica em silêncio, ora responde com poucas palavras, sem fazer perguntas ou introduzir algum novo assunto, como geralmente ocorreria se ela quisesse dar prosseguimento a uma conversa.

O momento crucial se dá, então, quando Carlos começa a falar de maneira estranha e pede Jéssica em casamento. Após a pergunta, ela fica calada e chega a dar um riso de constrangimento (e até surpresa) diante do pedido; e conforme Carlos insiste, ela continua em silêncio. É uma cena muito desconfortável para ela, que está constrangida e sem saber o que responder, afinal foi um pedido inusitado e infundado: antes disso, não havia ocorrido nenhuma aproximação amorosa entre os dois – a face de Jéssica é ameaçada pela proposta de Carlos. Nesse caso, vê-se, então, um silêncio de constrangimento, de efetivamente um ficar sem palavras. Carlos, percebendo por fim que essa reação demonstrava que o seu sentimento não era recíproco – e agora ele próprio tendo sua face ameaçada –, pede desculpas e chega a dizer que tinha feito uma brincadeira, pois fica também constrangido por não receber o desejado sim.

Aqui, o silêncio tem valor negativo, pois atesta o constrangimento de Jéssica, por não querer aceitar o pedido de Carlos, e também o dele, por ter sido recusado pela moça, logo evidencia sentimentos negativos.

**QC8:** Jéssica aproveita que está na cozinha sozinha e pega o sorvete do Fabinho para comer.

(Bárbara entra na cozinha e olha para ela)

(Jéssica tampa o sorvete e faz olhar de tensão)

Bárbara - (Vai até a pia, onde está Jéssica, para pegar água) Por isso que o sorvete do Fabinho acaba.

Jéssica - (silêncio)

(Val entra na cozinha e vê a cena)

Val - Já falei que esse sorvete é de Fabinho! É uma teimosia! Vai desculpando, visse, dona Bárbara? Já falei, falei...

Bárbara - (silêncio) (Sai de perto e pega a bandeja que Val quebrou) Desde quando a bandeja da minha bisavó está quebrada?

Val - (silêncio)

Bárbara - Ô Val, pode não parecer, mas essa casa ainda é minha. Vem aqui, quero falar com você.

Na casa de Bárbara há dois tipos diferentes de sorvete: o de uma marca de preço mais acessível, que pode ser comido pelas empregadas, e o de melhor qualidade e mais caro, que é comido apenas por Fabinho e seus pais. Jéssica sabia que não permitiam que ela comesse o segundo sorvete, por isso o comia escondida, enquanto estava sozinha.

Com a entrada da patroa na cozinha, a moça fica tensa e calada e, quando Bárbara faz um comentário reprovando a sua atitude, Jéssica fica em silêncio, pois sabia que estava fazendo algo que não deveria estar fazendo, e não havia o que dizer para se defender – o posicionamento de Jéssica pode ser percebido por sua expressão facial: ela arregala os olhos e faz um olhar de quem percebe que fez um erro e foi pega. Sua face é ameaçada pela abordagem de Bárbara, que, por sua vez, fortalece sua posição e mantém a face que deseja transmitir ao outro: de alguém firme e de personalidade forte. Pouco depois, Val também fica em silêncio após ser chamada atenção pela patroa, pelo mesmo motivo. Esse é um silêncio que demonstra culpa e vergonha, pois ambas haviam errado: Val, na posição de empregada, tem sua face ameaçada, por ter quebrado um objeto de sua patroa, e Jéssica, na posição de quem está sendo recebida de favor, por ter desrespeitado uma regra da casa (não comer o sorvete de Fabinho).

Nos dois casos, ocorre novamente um silêncio negativo, por evidenciar a existência de algo ruim: o sentimento de constrangimento e de vergonha, pois tanto Val quanto Jéssica sabiam que haviam feito algo de errado, algo que desrespeitou os donos da casa em que estavam. Além deles, também tem valor negativo o silêncio de Bárbara quando Val pede desculpas pela atitude de Jéssica, pois deixa evidente o descontentamento da anfitriã com a adolescente.

**QC9:** Fabinho não passou na primeira fase do vestibular e Val o consola.

Val - Tu ficou nervoso. Sabia tudo, né?

Fabinho - (silêncio)

Val - Tu ficou nervoso! (beija Fabinho)

Fabinho - Porra, Val, por dois pontos!

Val - Isso é uma injustiça... Bola pra frente, visse?

Bárbara - (entra no quarto) Fabinho...

Val - Ano que vem tu vai tentar de novo. Licença.  
(saindo do quarto) Ó pra ele como é que está!

Bárbara - (para Fabinho) Você vai ficar assim?  
Agora não adianta, né?

Fabinho - (silêncio)

Bárbara - Ei... Se anima, já foi agora. Vem cá...  
(Fabinho sai em silêncio)

Na cena, o silêncio de Fabinho expressa sua tristeza: o menino acreditava que seria aprovado no vestibular e fica frustrado e decepcionado por não consegui-lo. Ocorre mais um caso em que o silêncio é negativo e, mesmo com as tentativas da mãe, o menino não responde – a quietude do menino demonstra a existência dos sentimentos de tristeza e frustração que está sentindo.

**QC10:** Val arruma a casa, colocando enfeites novos, enquanto Jéssica está sentada estudando.

Val - Ó paí que bonitinho! De crochê, comprei na mão de Joelma, que mora pra junto de Pâmela... Ó como é que está ficando tudo ajeitadinho. Deus escreve certo por linhas tortas, essa casa é muito melhor do que aquela! Não é não, Jéssica?

Jéssica - (silêncio)

Val - Jéssica, tu ainda está com raiva de mim! Tem que entender o meu lado, filha!

Jéssica - E tu tinha que ter me defendido!

Val - E eu não defendi?

Jéssica - Não vou entrar nesse assunto não porque eu não quero brigar de novo, visse?

Na cena, Jéssica está chateada com sua mãe pois, após a situação do sorvete, Bárbara pediu a Val que a moça não circulasse pela casa, apenas pela área de serviço; Jéssica, com raiva, foi embora, na véspera do vestibular, e Val permaneceu na casa, sem acompanhar a filha, mas também não discute com a patroa – essa atitude acaba fazendo com que a face de Val, com a patroa, fique preservada, porém, com a filha, fique ameaçada: para a patroa, Val mantém

seu papel de boa empregada, e para a Jéssica demonstra falta de coragem para enfrentar os patrões e defender a filha.

Val, ao chegar no local que conseguiram para morar, puxa assunto com a filha, falando sobre os enfeites que comprou, porém Jéssica não fala nada e Val, então, entende esse silêncio como negativo: ela compreende que a filha ainda tem mágoa sobre o que tinha ocorrido. É o silêncio a que se faz referência no Brasil como “dar um gelo”, que é quando uma pessoa está chateada com outra e a ignora, para demonstrar seu ressentimento. Esse silêncio, como o de Jéssica, tem portanto valor negativo, já que evidencia algo negativo.

**CC1:** Na casa de Clarice, durante um almoço em família, a mãe põe a comida na mesa e faz uma declaração.

Clarice: Depois de 20 anos, eu resolvi fazer essa moqueca pra homenagear o Dado, o nosso defensor da Amazônia!

Todos: (batem palmas)

Rosa: (faz silêncio e fica séria; 10 seg.) A gente pode se servir também ou é só pro Dado?

Nesse momento, todos enaltecem Dado, o que é demonstrado pelas palmas, mas uma pessoa à mesa fica em silêncio (Rosa), com ar sério e de possível incômodo, o que é corroborado pela fala que vem em seguida, após o silêncio de 10 segundos. A pergunta de Rosa demonstra que não gostou da homenagem da mãe ao marido; o silêncio, portanto, evidencia o sentimento ruim de desagrado e, além disso, tem por objetivo ameaçar a face da mãe e do marido, fugindo do que seria esperado como harmonia na comunicação.

**CC2:** À mesa, a esposa de Cacau, Alessandra, faz um pedido a sua sogra logo após a homenagem de Clarice a seu genro.

Alessandra: Eu também quero ser homenageada, sogrinha!

Clarice: Meu amor, assim que você parar de falar que vai separar do meu filho, eu faço uma homenagem linda pra você!

Todos: (silêncio)

Alessandra: (faz silêncio por 3 seg.) Mas sobreviver a um casamento não é motivo suficiente para uma homenagem? Ainda mais com o seu filhinho...

Todos: (silêncio)

Rosa: Vocês sabem que eu tava lendo uma matéria (...).



Clarice aproveitou o pedido de Alessandra para provocá-la, e em seguida todos à mesa ficaram calados, constrangidos com a situação, inclusive a nora, que, depois de alguns segundos, decide continuar a discussão velada, ao que novamente todos ficam calados, até a sogra. Depois de um tempo, Rosa inicia uma conversa sobre uma matéria de uma revista, para romper o silêncio que constrangia todos à mesa; a tentativa de introdução de um novo assunto demonstra a vontade de fuga daquela situação embaraçosa.

Clarice é uma personagem autêntica que procura manter sua posição sempre e não se incomodou em ameaçar a face de Alessandra ao deixá-la constrangida; para recuperar sua face, a nora responde querendo ofender a sogra e ferir também a face desta. A única personagem que, neste momento, busca resgatar a harmonia na interação é Rosa, pois muda de assunto – ela quer proteger a face de todos, inclusive a sua própria.

O silêncio de todos os que participavam do almoço evidencia o sentimento negativo de constrangimento diante do que ocorria, até mesmo porque todos tiveram sua face ameaçada. Por isso esse é um exemplo de silêncio com valor negativo.

**CC3:** À mesa, Dado comenta sobre a matéria da revista de que Rosa falou antes.

Dado: Inclusive nesse artigo tem um box que fala como os adultos da tribo, como eles cuidam da... das crianças, né? No dia-a-dia.

Rosa: Você podia aprender um pouquinho com essa tribo, né? Coisa do dia-a-dia. Clarice: Eu não acredito que você está pedindo pro seu marido abandonar tudo o que ele faz pra dar banho nas suas filhas! Mais importante do que... preservar a reserva Yanomami, a Floresta Amazônica, enfrentar as mineradoras poderosas... é escrever um texto para um site de banheiro com o objetivo de obrigar as pessoas a clicarem e curtirem! Minha filha, você prefere que o teu marido fique na sua casa dando um banho nas suas filhas? Um menino com um projeto, um trabalho ambientalista desse?!... Que egoísmo, Rosa! Fica esperta! Todos (inclusive as crianças): (silêncio)

Alessandra: (revira os olhos para cima, em silêncio)

Clarice: (volta-se para Dado e começa a conversar sobre algumas tribos)

Rosa: (interrompendo) Meu site, na verdade, eu não tenho um site, eu trabalho para diversos clientes, mas atualmente eu estou trabalhando com um site, uma empresa de aço que é de ponta, sabia? Eu acho inclusive que você poderia fazer uma reforma nos seus banheiros, porque as torneiras... estão péssimas. Eu entendo bem de torneira, sabe?

Todos ficam novamente constrangidos após Clarice, em defesa de Dado, chamar atenção de Rosa com um tom de voz exaltado, e a situação fica tão constrangedora que até mesmo as crianças (que antes estavam falando alto, sem prestar atenção à conversa dos adultos) ficam em silêncio, novamente com suas faces ameaçadas. O silêncio de Rosa, porém, não tem o mesmo significado que o dos outros; ela transmite revolta, que pode ser percebida por sua fala em seguida, interrompendo a mãe. Rosa ficou indignada e ofendida com a fala de Clarice e, por isso, fica quieta por um tempo e em seguida defende-se, tentando ofender a mãe de volta e criticando o estado dos banheiros da casa de Clarice (“Está tudo péssimo”).

Por serem silêncios que evidenciam constrangimento (de toda a família) e revolta (de Rosa), classificam-se como negativos.

**CC4:** Após a discussão no almoço, mãe e filha continuam em clima de tensão e, ao falar sobre seu pai, Rosa o elogia e Clarice protesta.

Clarice: Você foi concebida na minha viagem a Cuba e o Homero não estava lá. Todos: (silêncio de 5 seg.)

Rosa: O que é que é?

Clarice: Um congresso de sociologia e educação.

Rosa: Você bebeu, né? Você só pode estar louca...

Clarice: Eu tive um caso rápido. Havana, um congresso... Foi lá. Foi lá que... O Homero não sabe nada disso. Nada. Nem foi.

Todos (Juliana e Nara também): (silêncio); (Alessandra levanta, pega as crianças para tirar do cômodo).

Clarice: Ele era um sociólogo, brasileiro, militava na educação, como eu. Mas eu não tenho notícias dele, não tenho um contato dele... Não tenho absolutamente nada!

Rosa: (levanta e sai).

Cacau: Você escondeu isso da gente esse tempo inteiro? Não falou nada. Dado: (olha para a sogra e faz menção de dizer algo, mas fica calado).

Nessa cena há muitos silêncios: há o primeiro, de surpresa, quando todos ouvem a séria revelação que Clarice faz à filha; em seguida, após a mãe repetir a declaração, todos ficam calados novamente, até mesmo as crianças, que ficam atônitas. Depois o silêncio de Rosa vem acompanhado de sua saída do cômodo – aqui, poderia ser entendido como revolta ou mesmo uma mistura de sentimentos, uma necessidade de estar só: um silêncio para refletir sobre o que foi ouvido.

Dado chega ao lado de sua sogra e faz menção de dizer algo (faz até gestos com a mão, como se fosse iniciar alguma fala), porém fica calado. Seu silêncio pode ser interpretado como o simplesmente “ficar sem palavras”, o momento em que não se diz nada por simplesmente não saber o que dizer, dada a surpresa com a declaração.

O silêncio, portanto, por mais uma vez evidenciar a ameaça à face de toda a família e pelos sentimentos de surpresa negativa, classifica-se como de valor negativo por evidenciar algo negativo.

**CC6:** Didi, com quem Homero tem Caru, briga com ele por ter descoberto que ele não pagou a escola da filha, o que fez com que a menina tivesse a matrícula cancelada. Homero tenta conciliação, desviando do assunto da briga.

Homero: Que é isso, me dá um abraço!

Didi: (fica de braços cruzados olhando séria para ele em silêncio)

Aqui, o silêncio de Didi representa recusa, reforçado com a sua postura corporal de permanecer de braços cruzados e com seu semblante sério. Didi fica em silêncio porque não quer abraçar Homero, nem fazer as pazes com ele; ela não se importa em ferir a face do ex-marido e, demonstrando querer ameaçar a face de Homero, evidencia o sentimento negativo de irritação, portanto caracterizando o silêncio como negativo.

**CC7:** Rosa chega atrasada em uma reunião de seu trabalho. Seu chefe e uma funcionária, superior a ela hierarquicamente, estão aguardando sua chegada na porta da sala de reuniões, e ela chega literalmente correndo e utilizando uma calça jeans, uma camisa larga e tênis.

Rosa: Gente, desculpa, eu peguei muito trânsito.

Funcionária: (vira as costas e entra na sala de reuniões em silêncio)

Aqui, a funcionária não aceita as desculpas da protagonista; seu silêncio pode ser entendido como uma recusa ao pedido de desculpas, também demonstrando querer ameaçar a face de Rosa. Os outros elementos, como o fato de ela virar de costas e entrar na sala, ignorando a fala de Rosa, demonstram isso; logo, configura-se aqui um silêncio negativo, por evidenciar a recusa e a

expressão de insatisfação com o atraso da personagem.

**CC11:** Rosa vai até a casa da mãe para conversar, e Clarice conta que está doente.

Clarice: Eu acho que você não entendeu bem o que eu falei. Eu disse: eu fui diagnosticada com um câncer de pâncreas irreversível, com graves sequelas. Me dá uns meses de vida mais, mas...olha, eu não tenho medo da morte, mas, filha, eu tive uma vida maravilhosa! Vivi muito bem! Mas er... eu precisava te contar essa história. Agora... parar de fumar, nunca!

Rosa: Você foi em outro médico, você... pegou uma segunda opinião?

Clarice: Uhum... Comprovado.

Rosa: (silêncio de 15 seg.)

Nesse caso, o silêncio pode representar inúmeras emoções: ela foi surpreendida pela triste notícia, está pensativa a respeito do que acabou de ouvir, está profundamente triste... A notícia que a mãe lhe dá é dolorosa e o silêncio também pode significar a tristeza que ela está sentindo; pode ser a forma como ela consegue transmitir seu sentimento de tristeza para a mãe. O silêncio demonstra-se de valor negativo por evidenciar o quão triste está Rosa.

**CC12:** Homero aparece tarde da noite na porta de Rosa, com Caru.

Rosa: Oi, pai!

Homero: Oi, tudo bem, minha filha? (abraçando Rosa)

Rosa: Tudo bem?

Homero: Tudo bem. Olha, eu eu... eu vim, eu estava no hotel, mas eu vim aqui agradecer o depósito que você fez pra mim. Muito obrigado!

Rosa: Tá tudo... tá tudo certo. (Rosa vê Caru entrando logo após o pai) Achei que você tivesse vindo pegar os fantoches. O que é que foi, Caru? Está com uma cara...

Caru: Estou bem, onde posso deixar minhas coisas?

Rosa: Você... no sofá!

Caru: (coloca as coisas no sofá) Eu vou dormir no sofá?

Rosa: Oi?

Caru: Eu vou dormir no sofá?

Rosa: (silêncio por 3seg.) Como assim? Você.... você vai dormir aqui?

Caru: É, o hotel era imundo, todo mofado...

Homero: Cheio de mofo!

Caru: Mas eu achei que tava combinado... mas...  
você não avisou, pai?

Homero: Não, eu não falei... só pra não causar...  
Eu sabia que ia ser instantânea a emoção.

Rosa é pega de surpresa com a chegada do pai, à noite, e fica desnorteada ao saber, sem aviso prévio, que a meia-irmã iria dormir em sua casa. A situação causada por Homero, que não avisou sobre a visita nem sobre a estada de Caru na casa de Rosa, deixou a protagonista constrangida, por ter sido uma surpresa negativa, como pode ser notado pelo silêncio que ela faz por 3 segundos e, em seguida, a hesitação “Você.... você vai dormir aqui?” – Rosa, para não ter sua face ameaçada e nem ameaçar a da irmã, apesar de incomodada, aceita que a adolescente durma em sua casa. Seu silêncio demonstra os sentimentos de insatisfação e constrangimento, portanto é classificado como negativo.

### 3.2.2

#### Omissão de algo positivo

Observem-se as cenas:

QC4: Carlos e Val mostram o quarto de hóspedes a Jéssica e ela sugere dormir lá.

Carlos – Você quer ficar?

Jéssica – Ah... eu acho que ia ser bom pra eu estudar, não atrapalhar a Val... Val – Não, Jéssica, você vai ficar comigo no meu quartinho.

(Carlos chama Bárbara, que passa no corredor)

Bárbara – O que é que foi?

Carlos – A Jéssica vai ficar aqui.

Bárbara – (silêncio por 2 seg) (com uma expressão séria) Tudo bem. (olha para Jéssica e dá um sorriso)

Val: Eu acho melhor ela dormir no meu quartinho, já está combinado assim, gente... Dona Bárbara comprou o colchão...

(Bárbara entra em seu quarto pisando firme e bate a porta)

O comportamento de Val é bastante servil, dinâmica a que os patrões estão acostumados, portanto esperavam que Jéssica agisse como a mãe e dormisse no pequeno quarto dos fundos da casa. No entanto, a jovem não entende que deva agir assim, até por não trabalhar na casa, e o pedido para ficar no quarto de hóspedes surpreende negativamente a patroa, que faz alguns segundos de silêncio antes de responder “Tudo bem”.

É importante ressaltar que, mesmo que tenha havido uma fala, o silêncio é mais forte, pois o “tudo bem” de Bárbara, com voz seca e expressão facial de desagrado, expressa o oposto de estar de acordo com a proposta de Jéssica ficar no quarto de hóspedes. Bárbara aceita, mas de forma contrariada – ela faz questão de demonstrar que não gostou de a menina dormir no quarto, porém, para de alguma forma proteger sua própria face, sucumbe ao pedido. Na cultura brasileira, caso ela estivesse feliz em hospedar a moça, seria natural falar mais do que essas duas palavras, dizendo algo como “É claro que você pode ficar aqui, é um prazer!” e ainda continuar com “Se precisar de qualquer coisa, é só falar comigo” etc.

Trata-se portanto de um silêncio de valor negativo por omitir uma fala positiva. A reação da dona da casa demonstra sua insatisfação, uma obediência contrariada ao pedido do marido, que é comprovada quando ela sai batendo os pés com força e bate a porta do quarto.

**QC6:** Após uma situação conflituosa, Val decide morar com Jéssica em outro lugar. As duas se despedem de Bárbara, que conversa com outra mulher sobre assuntos de trabalho.

Val – Dona Bárbara, estamos indo.

Bárbara – Está bom. Resolveu então, conseguiu lá o lugar, né?

Val – Praticamente.

Bárbara – Você deixou a torta?

Val – Deixei sim, senhora.

Jéssica – Muito obrigada, viu?

Bárbara – (silêncio)

Val – Então estamos indo. Com licença.

Bárbara – Boa sorte no vestibular.

Nessa cena, Bárbara está incomodada porque Jéssica havia mergulhado na piscina com Fabinho, algo que ofendeu a patroa, já que, como já foi comentado, não era algo que fizesse parte da dinâmica da casa: uma empregada doméstica (ou a filha dela) utilizar a área de lazer da casa. Então, quando a menina agradece pela estada na residência, a patroa de Val fica em silêncio, mantendo um posicionamento de desagrado e reprovação em relação à moça – ela também faz questão de ameaçar a face de Jéssica, procurando manter sua própria posição.

Em seguida, quando Bárbara se pronuncia, ela o faz em tom de provocação, já que não estava verdadeiramente torcendo pela aprovação de Jéssica no vestibular; é uma forma de, com deboche, demonstrar uma polidez forçada. Portanto, é mais uma ocorrência de silêncio com valor negativo, por omitir

uma fala positiva – que é dita posteriormente (“Boa sorte no vestibular”), quase que de forma automática.

### 3.3

#### Silêncio ambíguo

Os dados agrupados nesta categoria demonstram-se paradoxais: os silêncios contidos neles não têm valor totalmente positivo nem negativo; em vez disso, apresentam sentimentos positivos e negativos concomitantemente e, por isso, não puderam ser alojados nas outras categorias previstas, como observa-se nas cenas a seguir.

**CC5:** Após a descoberta de que o pai que a criou não é seu pai biológico, Rosa visita o irmão, para conversar sobre o ocorrido.

Cacau: Dona Clarice, hein?

Rosa: Caralho, Cacau.

Cacau: Caprichou no almoço.

Rosa: Pior que agora, assim... As coisas estão fazendo sentido. Ela sempre gostou mais de você, sempre protegeu você. Tudo o que você fazia era maravilhoso... Eu sempre tomando porrada, sempre... Eu achava que de repente era pelo fato de eu ser mulher... Caralho... Você tem, sei lá... Cinco álbuns de infância. Eu tenho um horrível, que eu terminei de fazer. Caralho...

Cacau: (faz silêncio e olha para baixo)

Rosa: Há trinta e oito anos ela está guardando essa informação, para me dizer do jeito que ela disse. (...)

Rosa está confusa e revoltada com a mãe; ela procura o irmão e, após seu desabafo, Cacau fica calado. Aqui, seu silêncio após a irmã falar sobre ter sido sempre preterida pela mãe, enquanto ele seria o filho predileto, demonstra respeito pelo desabafo da irmã e, também, demonstra concordância com o que ela diz, por olhar para baixo. Cacau não consola a irmã dizendo algo como “Não é bem assim, mamãe sempre gostou de você”: ele faz silêncio e abaixa a cabeça compartilhando do sentimento de Rosa.

O fato de Cacau ser mais querido pela mãe o deixa em uma situação embaraçosa com a fala da irmã, então por um lado seu silêncio demonstra valor negativo, porém seu respeito ao que Rosa diz e sua atenção ao ouvi-la apresenta valor positivo.

**CC8:** Rosa é demitida e ela e Dado discutem em casa. Há alguns momentos de silêncio durante a interação dos dois.

Rosa: Você viaja a hora que você quiser, Dado; você faz tudo o que você quiser, porque você sabe que eu estou aqui! Eu estou aqui, que eu vou levar as meninas na escola, que eu vou ver agenda, que eu vou fazer mercado, que eu vou...ahn... tá!

Dado: (silêncio)

Rosa: É diferente.

Dado: Você acha que eu nunca abri mão de nada? É isso?

Rosa: Do que é que você abriu mão, Dado?

Dado: Você sabe há quantos anos eu não bato uma bola com os meus amigos no final de semana?

Rosa: (silêncio) Ah... (ri debochando). Você abriu mão do futebol?

Dado: Sim.

Rosa: Eu abri mão da minha vontade de escrever! Escrever uma peça. De ser dramaturga, entendeu? Eu fico escrevendo folders de cerâmica de banheiro. Não quero mais. (sussurrando)

Dado: (silêncio por 9 seg.) (suspira) (silêncio por 3seg.) Estou cansado.

Rosa: Eu também estou exausta, há uns quinze anos. Pode deitar que eu já vou.

Dado: Quer falar mais alguma coisa?

Rosa: Não.

Desde o início da briga, Dado demonstra não ter vontade de continuar a discussão: depois que Rosa o critica e fala das atividades que ela exerce na casa e na família, ele fica em silêncio. Depois que Rosa diz que não quer mais viver naquela situação, ele permanece calado novamente, durante 9 segundos; suspira, faz mais uma pausa e diz que está cansado, procurando sair da conversa, o que pode ser percebido quando, ao final, ele pergunta se Rosa gostaria de falar mais alguma coisa.

Nessa mesma cena, o silêncio de Rosa, após Dado falar sobre ter aberto mão do futebol, não tem o mesmo significado que o silêncio do marido: ela fica indignada com a afirmação dele; pode-se perceber, pela fala posterior, que Rosa acredita que a renúncia de Dado é banal diante das renúncias que ela fez em sua vida.

Os silêncios dos dois personagens têm valor positivo, por omitirem algo negativo: ao ficar em silêncio, a exposição dos problemas não tem continuidade,



pois é omitida; por outro lado, o silêncio tem valor negativo, pois deixa claro o descontentamento e o desânimo do casal em continuar a conversa.

**CC13:** Dado e Rosa estão em uma terapia de casal, discutindo sua relação.

Dado: Quando é que você quer transar? Nunca, nunca, Rosa!

Rosa: Eu não vim aqui pra falar de sexo. O que eu quero falar aqui é por que eu não tenho desejo suficiente pra fazer sexo: esse é o ponto!

Terapeuta: Você sente desejo por outras pessoas? Você sente desejo?

Rosa: Ele eu sei que sim.

Terapeuta: Eu estou falando de você. Você sente desejo?

Rosa: (silêncio durante 10 seg.; olha para baixo, suspira e coloca a mão na frente dos olhos)

Rosa, durante a sessão, não quer discutir sobre sexo, mas sobre outras questões do cotidiano dela e de Dado e, quando a terapeuta pergunta diretamente a ela se sente desejo por outras pessoas que não o Dado, ela responde a pergunta direcionando ao marido (“Ele eu sei que sim”). Quando a pergunta é feita novamente, direcionada a ela, Rosa fica em silêncio ainda fugindo à questão; seu silêncio é omissão. Como ela já demonstrou, a essa altura da narrativa, ter interesse em Pedro, a resposta seria afirmativa, porém ela não quer assumir isso ao marido e à psicóloga – por isso, prefere permanecer em silêncio.

Portanto, o silêncio dela é negativo por evidenciar seu sentimento de vergonha – ela reclama do marido por achar que ele tem um caso, porém ela mesma gostaria de estar com outra pessoa –, e também é positivo por omitir algo negativo: ao ficar em silêncio ela deixa de contar que tem desejo por outro homem; ela não se compromete em relação a isso e não ameaça sua própria face.

**CC15:** Rosa acompanha Clarice a uma consulta médica.

Médica: É, Clarice, se você estiver disposta, eu posso te receitar algumas fórmulas que vão ajudar a controlar a sua ansiedade pra te fazer largar o cigarro.

Clarice: Eu já tentei. Mas... não consegui. Mesmo.

Rosa e médica: (silêncio)

Clarice, apesar de estar com um câncer no pâncreas, permanece fumando, pois, como o caso é irreversível,

prefere manter o hábito de fumar cigarros. A médica sugere que ela tome alguns remédios, para auxiliá-la a parar, mas Clarice recusa, dizendo que não consegue. O silêncio de Rosa, que estava presente na interação, e da médica indica aceitação: elas decidem não insistir mais na argumentação, logo é positivo por omitir algo negativo e por proteger a face de Clarice - argumentar e tentar convencer Clarice a parar de fumar, gerando discussão -; mas também é negativo por evidenciar a existência do sentimento de desânimo de Clarice e da médica diante da situação.

**CC18:** Rosa chega em casa e Dado está no sofá. Após ver as crianças dormindo, a protagonista senta ao lado do marido.

Dado: As crianças demoraram pra dormir. Choraram um pouquinho... queriam te ver.

Rosa: (silêncio por 5seg.)

Dado: Você está bem?

Rosa: (silêncio por 7 seg.)

Dado: (beija Rosa)

É importante destacar que, no curso da narrativa, Clarice faleceu antes dessa cena, portanto a morte da mãe de Rosa ainda é muito recente. Além disso, como já foi comentado, a relação de Rosa com Dado estava em crise. O silêncio quando ele fala com ela e pergunta se ela está bem significa que a resposta é negativa: ela não está bem, e também demonstra que não quer conversar. Nesse caso, o silêncio é negativo por evidenciar a tristeza de Rosa, mas também é positivo por omitir algo negativo: uma possível briga ou conversa a respeito da tristeza da personagem.

**CC19:** Rosa e Dado discutem a relação, e ela está desconfiada da fidelidade do marido.

Rosa: A gente não combinou que a gente ia falar sempre a verdade um para o outro?

Dado: Sim, e aí?

Rosa: Você está tendo um caso com aquela antropóloga?

Dado: Rosa, por favor, quantas vezes eu vou ter que falar para você? Eu não estou tendo caso com ninguém! Muito menos com ela... Tem nada, tem nada! Você já... a gente... Vamos lá: já que é para falar a verdade, você quer me falar alguma coisa?

Rosa: (silêncio por 3seg.) Eu me apaixonei por outro cara.

Dado percebeu que a esposa estava agindo de modo estranho e perguntou a ela se havia algo que Rosa queria contar, pedindo para ela ser sincera (“já que é pra falar a verdade”). A protagonista, então, faz silêncio por três segundos antes de responder; seu silêncio é hesitação, porque iria fazer uma revelação importante a Dado: de que ela havia se apaixonado por outro homem.

O silêncio de Rosa, portanto, é positivo por omitir algo negativo – a revelação de que ela estava apaixonada por Pedro – e também negativo por evidenciar a existência da hesitação de Rosa diante do fato.

### 3.4

#### Conclusões parciais

Após a análise das cenas colhidas dos dois longa-metragens brasileiros e de sua classificação segundo as categorias de Tannen (1985), pode-se dividir os dados conforme a tabela a seguir.

Tabela 3.1: Classificação dos dados por valores de silêncio

Valores do Silêncio	Situação	Cenas
Positivo	Existência de algo positivo	CC9 - CC10 - CC14 CC16 - CC17
	Omissão de algo Negativo	QC3 - QC5
	Existência de algo negativo	QC1 - QC2 - QC7 QC8 - QC9 - QC10 CC1 - CC2 - CC3 CC4 - CC6 - CC7 CC11 - CC12
Negativo	Omissão de algo positivo	QC4 - QC6
Ambíguo	—	CC5 - CC8 - CC13 CC15 - CC18 - CC19

O silêncio eloquente, nas cenas analisadas, foi mais frequente denotando valor negativo por evidenciar a existência de algo negativo: 14 cenas foram assim classificadas porque apresentam sentimentos ruins, como ressentimento, tristeza, raiva, revolta, constrangimento etc.

Em muitos desses casos, o silêncio ocorre quando a face do falante é ameaçada durante a interação. Ainda sobre o conceito de face, há momentos em que o silêncio é utilizado como recurso para demonstrar propositalmente a existência de algo ruim e, assim, ameaçar a face do outro, como em QC8, em que Bárbara faz questão de lançar mão do silêncio para demonstrar sua insatisfação com Jéssica e Val e ameaçar a face das duas.

O silêncio negativo por omissão de algo positivo ocorreu com pouca frequência nos dados e demonstrou uma especificidade: nas duas cenas ele foi feito pela personagem Bárbara, que, pelo contexto, estava em posição hierárquica superior à dos demais participantes da interação. As duas envolviam situações em que Bárbara, caso quisesse manter sua face positiva, diria algo positivo e polido a Jéssica, mas ela escolheu ficar em silêncio, omitindo essa fala positiva.

Faz-se necessário ressaltar que, como defende DaMatta (1986), a organização social brasileira é de uma

sociedade cuja rotina é dominada pelas hierarquias que sujeitam a todos a uma escala complexa de direitos e deveres vindos de cima para baixo, dos superiores para os inferiores, dos ‘elementos’ que entram na fila e das ‘pessoas’ que jamais são vistas em público como comuns (DaMatta, 1986, p. 51)

Sendo assim, Bárbara, que está em uma posição social privilegiada em relação a Jéssica, tem socialmente a permissão para deixar de ser gentil com seus subordinados, pois isso, apesar de ameaçar sua face, não lhe trará prejuízos ou retaliações sociais. Caso Jéssica – que vive de favor na casa da patroa da mãe – ou Val, empregada doméstica da casa, fizessem o mesmo, sofreriam penalidades – a primeira poderia ser expulsa da casa, e a segunda, perder o emprego. Logo, o silêncio negativo por omissão de algo positivo não pode ser usado em qualquer contexto comunicativo, pois pode gerar problemas para quem o proferir – é preciso ter atenção à hierarquia social e balancear quais poderiam ser as consequências negativas desse silêncio.

O silêncio positivo por evidenciar algo positivo ocorreu em cinco cenas, apenas do filme *Como Nossos Pais*, e demonstrou expressar respeito, concordância, alegria etc. Quando denota respeito, como nas cenas CC9 e CC16, quem silencia o faz para respeitar o outro; quando, como em CC14, se quer concordar com o que o outro diz, o silêncio pode ser preferido por não se ter mais o que acrescentar à fala do outro e, portanto, ser melhor concordar calado – nesse caso, a expressão facial ratifica o silêncio eloquente como concordância (com um sorriso, ou gesto de acolhida).

Também, como em CC10, o silêncio pode ser escolhido no lugar da fala para preservação da face: para não responder com palavras e poder ter a autopreservação de, de certa forma, não se comprometer, o silêncio de concordância pode preservar a própria face. Na cena em questão, Rosa não poderia aceitar o flerte de Pedro com palavras por ser casada e, assim,

comprometer seu relacionamento; assim sendo, ela prefere apenas sorrir para demonstrar que gostou da abordagem do homem, mas sem responder de forma tão enfática – como Tannen (1985) aponta, o silêncio tem uma qualidade de, por ser ambíguo, deixar sua interpretação mais aberta e, portanto, servir como um recurso de autopreservação na interação, como Rosa faz.

O silêncio positivo por omissão de algo negativo ocorreu em apenas duas cenas, de *Que horas ela volta?*, que apresentam uma característica em comum: a tentativa de preservar a face do outro e a sua própria, mantendo a harmonia entre os participantes da interação. Em QC3, os padrões de Val omitem os comentários negativos a respeito da ambição de Jéssica em ser aprovada no vestibular – é importante frisar que nesse momento da narrativa ainda não tinham ocorrido os conflitos entre os padrões e Jéssica, portanto ainda estavam tentando ser polidos com a moça. Para proteger a face de Jéssica e de Val, eles optam pelo silêncio no lugar de falar algo desagradável como “Acho difícil que ela consiga ser aprovada”.

Em QC5, Edna também omite uma opinião negativa (sobre Jéssica) a pedido de Val e para não gerar problemas com sua colega de trabalho, mantendo assim a harmonia na interação entre as duas (Edna e Val). Logo, esse tipo de silêncio é um recurso de proteção à face (própria e do outro) e de manutenção do equilíbrio na comunicação, evitando atritos entre seus participantes.

A última categoria foi criada por nós porque alguns dados não se encaixavam como silêncio apenas positivo ou apenas negativo; nas situações dadas, o silêncio contempla os dois valores, por isso o denominamos ambíguo. Pode parecer redundante, já que Tannen (1985) destaca a ambiguidade como uma característica do silêncio, entretanto ela faz tal afirmação considerando que ele pode apresentar um valor positivo ou negativo, de forma excludente; no caso de nossa categoria do silêncio ambíguo, ele foi classificado desta forma porque expressa valor positivo e negativo simultaneamente.

Esses dados ocorreram apenas no segundo longa-metragem e evidenciaram algo negativo e algo positivo ao mesmo tempo, por isso, são silêncios simultaneamente positivos e negativos, como em CC5: Cacau ouve o desabafo da irmã quando esta soube que foi fruto de uma relação fora do casamento; seu silêncio durante a fala de Rosa demonstra acolhida e respeito ao sentimento da irmã, mas também expressa certo constrangimento quando esta fala sobre ele ser o filho preferido da mãe – o silêncio denota, então, algo positivo (escuta e respeito) e algo negativo (constrangimento). Nessa categoria, o silêncio torna evidentes os sentimentos contraditórios dos participantes da interação.

## 4

### Proposta didática

Com o propósito de oferecer subsídios aos professores de PL2E em relação à abordagem do tema silêncio em sala de aula, apresentamos neste capítulo uma proposta didática que pode ser aplicada com aprendizes da língua portuguesa como segunda língua.

Como o assunto é de natureza cultural e requer maior compreensão da língua para que se possa alcançar mais complexidade reflexiva em português, o ideal seria que a questão do silêncio na cultura brasileira fosse trabalhada com alunos de nível intermediário a avançado.

Além disso, a proposta aqui apresentada foi elaborada para turmas de adolescentes ou adultos; para o ensino de aprendizes crianças, torna-se necessária uma adaptação do que propomos.

Os objetivos principais desta proposta são:

- i) estimular a reflexão acerca das possíveis interpretações do silêncio na cultura de origem e na cultura-alvo (brasileira);
- ii) apresentar o silêncio como ferramenta discursiva na língua portuguesa do Brasil; e
- iii) permitir a compreensão e a utilização do silêncio na cultura brasileira, por parte dos aprendizes.

Somados a esses, os objetivos específicos são:

- i) interpretar os possíveis valores do silêncio em situações comunicativas;
- ii) refletir sobre sua própria cultura e sobre a cultura brasileira;
- iii) expressar sua perspectiva sobre o silêncio em língua portuguesa;
- iv) compreender materiais escritos e auditivos em língua portuguesa;
- v) produzir um texto em língua portuguesa sobre o assunto da aula; e
- vi) aplicar e interpretar, em interações em língua portuguesa, o silêncio como ferramenta discursiva.

#### 4.1

##### Sistematização da proposta didática

1. No início da aula, como elemento motivador, o professor mostrará uma imagem de duas pessoas conversando e pedirá que os alunos imaginem um diálogo, que poderá ser algo como:

- Oi! Nossa, quase não reconheci você!

- Oi! Ah, é porque eu pinte o cabelo ontem! O que você achou?

A outra pessoa fica em silêncio.

2. O professor perguntará aos alunos “Por que o silêncio? O que esse silêncio pode significar? Qual mensagem o falante quis comunicar?”. Conforme os alunos forem dando suas respostas, o docente as anotarás no quadro.
3. O professor promoverá uma discussão acerca dos comentários de toda a turma e, em seguida, dará continuidade à reflexão perguntando: “Com que finalidade vocês utilizam o silêncio em sua língua? Ele é positivo ou negativo?”. Espera-se que os aprendizes contribuam com informações sobre suas culturas de origem e, assim, em uma turma multicultural, reflitam sobre as diferentes percepções acerca do assunto em culturas distintas.
4. Depois, o professor perguntará sobre a visão dos alunos acerca da cultura brasileira: “Qual valor o silêncio pode ter em língua portuguesa?” e “Ele se demonstra diferente do silêncio em sua cultura?”. Novamente, o professor anotarás as respostas dos alunos no quadro e deixará a turma discutir sobre o questionamento, promovendo assim a produção oral dos estudantes.
5. Em seguida, o professor apresentará algumas cenas de um filme (como *Que horas ela volta?* ou *Como Nossos Pais*) – previamente assistido a pedido do docente e também discutido em sala – em que ocorre o silêncio eloquente. A partir de cada cena, os alunos irão, em duplas, pensar em quais valores tem o silêncio e por quê. Como os alunos já terão discutido coletivamente sobre o longa-metragem, conhecerão as personagens, seus anseios e todo o contexto da narrativa, o que possibilita a interpretação.
6. Após a atividade anterior, o professor verificará os apontamentos de cada dupla, discutirá sobre isso com a turma e, em seguida, apresentará algumas possibilidades do uso do silêncio como recurso linguístico. O docente pode demonstrar aos alunos que o silêncio pode ser negativo e, quando isso ocorre, pode evidenciar sentimentos ruins (de forma proposital ou não), como tristeza, ressentimento, raiva, constrangimento etc.; e também pode ser negativo por deixar de expressar algo positivo, um discurso que se esperava ter teor positivo – nesse caso, é importante avisar aos alunos que é extremamente impolido e deve-se evitar. Como valor positivo, o professor poderá comentar com os alunos que ocorre quando se

deixa de expressar algo negativo, como uma opinião desfavorável, o que é uma atitude de polidez; além disso, pode ocorrer quando ele demonstra algo positivo: um sentimento positivo, concordância e consentimento... Porém, nesse caso, é bom apresentar alguma expressão facial positiva para acompanhá-lo, como um sorriso.

7. Como atividades finais o professor pedirá que primeiramente os alunos façam uma produção escrita sobre o que eles compreenderam acerca das funções e valores do silêncio na cultura brasileira e, em seguida, que os estudantes elaborem, em trios, uma encenação com as possibilidades de uso do silêncio em língua portuguesa. As tarefas poderão ser apresentadas em uma próxima aula para toda a turma e, além delas, para o trabalho da compreensão escrita, o professor poderá utilizar algum texto em português sobre o assunto.

Através desta proposta, o silêncio – com seus possíveis usos e valores – será apresentado e trabalhado com uma abordagem intercultural, pois promove a discussão e a reflexão sobre como o tema é percebido em diferentes culturas. Também trabalham-se a compreensão auditiva, com o filme; a produção oral, com as discussões interculturais mediadas pelo professor e em duplas; e a produção e compreensão escrita, na atividade final. Assim, o aluno entra em contato com um elemento cultural e também desenvolve sua competência linguística.



## 5

### Considerações finais

Como foi comentado anteriormente (cf. 2.3.1), o silêncio foi pouco considerado pelos linguistas – apenas como vazio ou pausas entre o discurso, mas não discurso em si. Sendo assim, não há uma vasta bibliografia sobre o silêncio eloquente; encontramos alguns estudos, mas muitos voltados à área da psicanálise ou com foco em outras línguas, não na língua portuguesa. Na área de PL2E, ainda mais específica, há uma lacuna a respeito do silêncio eloquente e de seus valores. Desse modo, os professores de PL2E ainda não possuem suporte teórico e didático para trabalhar tal componente discursivo em suas aulas para estrangeiros. Justifica-se, portanto, a seleção do tema desta pesquisa, pois com ela compreende-se melhor como os brasileiros utilizam e interpretam o silêncio em suas interações comunicativas.

A relevância deste trabalho encontra-se, entre outros fatores, no fato de que seus resultados permitem compreender a complexidade dos valores que o silêncio pode apresentar em nossa cultura e, assim, oferecer ferramentas para professores de PL2E em suas aulas. Nossos objetivos de identificar, caracterizar e classificar os valores do silêncio eloquente na cultura brasileira foram alcançados; em nosso trabalho, conseguimos (i) identificar o silêncio como componente discursivo; (ii) identificar os valores – positivo ou negativo – que o silêncio pode assumir; (iii) apontar os fatores que têm influência no valor atribuído ao silêncio; (iv) avaliar o contexto comunicativo das ocorrências do silêncio; e (v) descrever de que forma o silêncio é uma ferramenta discursiva de proteção ou ameaça à face.

Utilizando-nos de cenas de dois filmes brasileiros, logramos identificar três categorias, de acordo com o valor do silêncio apresentado nas cenas analisadas: 1) Silêncio de Valor Positivo; 2) silêncio de valor negativo; e 3) silêncio ambíguo, este proposto por nós neste trabalho. As duas primeiras têm por base Tannen (1985) e são subdivididas respectivamente em duas subcategorias segundo o que se pretende evidenciar ou ocultar: a primeira, Silêncio de Valor Positivo, (i) evidencia a existência de algo positivo ou (ii) omite algo negativo; já a segunda, Silêncio de Valor Negativo, engloba os silêncios que (i) evidenciam a existência de algo negativo ou (ii) omitem algo positivo. Diante da análise dos dados, percebemos que o silêncio negativo, por

evidenciar algo negativo – um sentimento ruim, como raiva, tristeza, frustração, constrangimento etc. – apresentou mais ocorrências, portanto é comum que o brasileiro utilize o silêncio como demonstração de algo negativo. Nesses casos, o silêncio pode ter ocorrido em virtude de a face do falante ter sido ameaçada ou por ele, propositalmente, querer ameaçar a face do outro, demonstrando algo ruim.

O silêncio negativo por omissão de algo positivo ocorreu com pouca frequência, porém demonstrou também a vontade do falante de tentar ameaçar a face do outro – destacamos também que, nesse caso, o silêncio foi proferido por alguém mais bem colocado socialmente do que seu interlocutor, logo esse tipo de silêncio parece ser utilizado com muita cautela, apenas quando não resultar em retaliações sociais.

Já o silêncio positivo, por evidenciar a existência de algo positivo, demonstrou a vontade dos falantes de manter o equilíbrio na interação: com esse silêncio, é possível salvar a própria face e a do outro. Também é o caso do silêncio positivo por omitir algo negativo: para não expor uma opinião desfavorável, o falante permanece em silêncio e, assim, salva a face do outro – e também a sua própria. Apesar disso, o outro pode perceber essa tentativa de omissão, fazendo com que ela acabe não sendo efetiva; de qualquer forma, essa é uma estratégia bastante polida e com uma intenção positiva: manter (ou recuperar) a harmonia na comunicação.

Por último, o silêncio ambíguo, categoria criada por nós, demonstra sentimentos positivo e negativo simultaneamente: o falante deixa evidentes sentimentos contraditórios, geralmente com acompanhamento de elementos não-verbais, como expressão facial e gestos. Esse silêncio representa uma estratégia também bastante polida, pois não ameaça a face de nenhum dos participantes da interação.

O presente estudo representa um importante passo para o entendimento do papel do silêncio eloquente na língua portuguesa, uma vez que durante nossa revisão bibliográfica pudemos encontrar apenas estudos similares em outras línguas. Por isso, seria importante que, a partir desta pesquisa, houvesse outras com a análise dos valores do silêncio. Podemos sugerir algumas outras abordagens derivadas da nossa pesquisa: um estudo do uso silêncio especificamente em situações em que haja grande diferença hierárquica entre os falantes, ou em que haja grande proximidade entre os falantes. Uma pesquisa sobre as reações aos diferentes tipos de silêncio – aqui apontadas, mas não analisadas – também geraria dados valiosos para o PL2E.

Em novas pesquisas, seria ainda interessante o uso de dados provenientes não apenas de obras artísticas ficcionais, mas de diálogos autênticos; com fa-

lantes de outras regiões e classes sociais do Brasil; com análises comparativas do silêncio também em outras línguas e culturas, para verificar quais são as semelhanças e diferenças de uso e interpretação do silêncio em diferentes culturas. Sendo assim, julgamos importante o ensino aos aprendizes de PL2E dos possíveis usos do silêncio no português do Brasil tais como aqui identificamos - quais estratégias o silêncio pode representar na comunicação e de que forma ele pode ser interpretado pelos falantes brasileiros -, para que os alunos estrangeiros estejam bem preparados para suas interações interculturais em língua portuguesa.

BODANZKY, L. **Como Nossos Pais** (filme). São Paulo, Brasil, 2017.

CRYSTAL, D. **Dicionário de linguística e fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

DAMATTA, R. A. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro, Rocco, 1986.

DINOUART, A. **A arte de calar**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

ELOLA, J. **Silêncio, por favor**. EL PAÍS. 3 abr. 2018. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/29/cultura/1522316192\\_460447.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/29/cultura/1522316192_460447.html)> .*Acesso em* : 03/12/2018.

EPHRATT, M. **The functions of silence**. JOURNAL OF PRAGMATICS. V. 40, n. 11, p. 1909-1938, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.pragma.2008.03.009>>. Acesso em 13/11/2018.

GOFFMAN, E. **On face-work: An Analysis of Ritual Elements in Social Interaction**. In: *Interaction Ritual*. Nova Iorque: Doubleday, 1967.

RAPOSO M. C. S. **A representação do eu na vida cotidiana**; trad.. Petrópolis: Vozes, 1985.

GUO, T. **"Outra hora a gente fala sobre isso..."Estratégias de recusa no português brasileiro e no mandarim chinês com aplicabilidade em português para falantes de mandarim**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Departamento de Letras, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2016.

LEWIS, R. D. **When cultures collide: leading across cultures**. Nicholas Brealey Internacional: Boston/London, 2006. Disponível em: <<http://www.utnthy.com/wp-content/uploads/2011/11/When-Cultures-Collide.pdf>>.

MEYER, R.M.B. **Português para americano entender**. In TURAZZA, J.S. e

BUTTI, C. (Org.) Estudos de Português Língua Estrangeira. Jundiaí: Paco, 2016.

\_\_\_\_. Para o bem ou para o mal: a construção de identidade pelo falante de PL2E a partir de estereótipos de brasilidade – uma questão intercultural. In:\_\_\_\_; ALBUQUERQUE, A. (orgs.) Português para estrangeiros: questões interculturais. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2013. Pp. 13-34.

\_\_\_\_ **Cultural, multicultural, intercultural: o português como segunda língua para estrangeiros.** MATRAGA - REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DA UERJ, [S.l.], v. 20, n. 32, jun. 2013. ISSN 2446-6905. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/19840/14273>>. Acesso em: 16 dez. 2019.

MINAYO, M. C. de S. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade.** CIÊNC. SAÚDE COLETIVA, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, mar. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141381232012000300007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232012000300007&lng=en&nrm=iso)> .Acesso em 07 fev. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>.

MORRISON, L. **O poder que um momento incômodo de silêncio pode ter nos negócios e na vida.** BBC NEWS BRASIL. 09 out. 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/vert-cap-41421240>>. Acesso em: 02/12/2018.

MUYLAERT, A. **Que horas ela volta?** (filme). São Paulo, Brasil, 2015.

OLIVEIRA, M. R. de. Linguística e ensino. In: MARTELOTTA, M. E. **Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, p. 235-242, 2013.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** 6ªed. Campinas: Ed. Unicamp, 2011.

PARANHOS, M. L. **Welcome to PUC-Rio! : um estudo sobre alunos internacionais e interação cultural sob a perspectiva do Design.** Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2011.

REVUZ, C. “A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio”. In: SIGNORINI, I. (org.). **Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado.** Campinas: Mercado das Letras, 2001. ROTA, A. M. **Do intercultural ao desenvolvimento da Competência Intercultural**

**na formação de professores de português Língua Estrangeira.** Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2016.

SOUSA, M. de. **A cortesia verbal nas aulas de Português Língua Segunda/Língua Estrangeira.** Dissertação de mestrado. Porto, 2010.

SOUTO, M. V. L. et al. **Conceitos de língua estrangeira, língua segunda, língua adicional, língua de herança, língua franca e língua transnacional.** In: REVISTA PHILOLOGUS, Ano 20, N 60 Supl. 1: Anais da IX JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2014.

STUDARUS, L. **Por que os finlandeses não gostam de conversa fiada.** BBC NEWS BRASIL. 15 dez. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-46547718>>. Acesso em: 16 dez. 2018.

TAKASU, F. **O “silêncio” na interação entre descendentes e não-descendentes na sala de aula de língua japonesa.** Dissertação (mestrado) do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 1999.

TANNEN, D. Silence: anything but. In:\_\_\_\_;SAVILLE-TROIKE, M. (org) **Perspectives on Silence.** Norwood, NJ: Ablex, 1985.

## 7

### Anexo

#### 7.1

##### Transcrições do filme *Que horas ela volta?*

**QC1:** Val e a outra empregada da casa estão fazendo faxina e conversam sobre o filho da segunda, o qual está com problemas intestinais há alguns dias.

Val - Também, tu só dá Mucilon, Mucilon, Mucilon... Ele não pode comer só Mucilon, tem que comer uma fruta, uma comida!

Edna - Coitadinho... chega a noite... ele gosta, fica contente!

Val - Ele gosta... Criança não tem que querer não, minha filha! Tu denga demais! Bolas!

Edna - É fácil falar, né? Difícil é criar filho sozinho... Chega a noite, eu quero ver a carinha... dando uma risada...

Val - (silêncio)

Edna - Desculpa...

**QC2:** Val busca Jéssica e elas conversam no ônibus a caminho da casa dos patrões.

Val - E teu pai?

Jéssica - O que é que tem?

Val - Teu pai... Como é que ele está?

Jéssica - Está falando comigo não...

Val - O que é que tu aprontasse?

Jéssica - Besteira dele...

Val - Besteira é que não foi para teu pai não estar falando contigo.

Jéssica - (silêncio)

Val - ( mudando de assunto) Está gostando?

**QC3:** Jéssica chega à casa dos patrões de Val e é apresentada a eles após o jantar.

Bárbara - Sua mãe disse que você veio fazer vestibular, é isso?

Jéssica - É...

Bárbara - Pra que você vai fazer?

Jéssica - Arquitetura.

Bárbara - Arquitetura?!

Fabinho - Na FAU?!

Jéssica - É, na FAU.

Bárbara - (silêncio) (com olhar de preocupação e estranhamento)

Carlos - (silêncio)

Val - (preocupada) O que é, dona Bárbara? Qual é o problema?

Fabinho - Não, é que a FAU é uma das faculdades mais difíceis de entrar...

Val: É difícil, é, dona Bárbara?

Bárbara: É, bem concorrido.

Jéssica: É, eu estou sabendo...

**QC4:** Carlos e Val mostram o quarto de hóspedes a Jéssica e ela sugere dormir lá.

Carlos - Você quer ficar?

Jéssica - Ah... eu acho que ia ser bom pra eu estudar, não atrapalhar a Val...

Val - Não, Jéssica, você vai ficar comigo no meu quartinho. (Carlos chama Bárbara, que passa no corredor)

Bárbara - O que é que foi?

Carlos - A Jéssica vai ficar aqui.

Bárbara - (silêncio por 2 seg) (com uma expressão séria) Tudo bem. (olha para Jéssica e dá um sorriso)

Val: Eu acho melhor ela dormir no meu quartinho, já está combinado assim, gente... Dona Bárbara comprou o colchão...

(Bárbara entra em seu quarto pisando firme e bate a porta)

**QC5:** Val e Edna conversam sobre Jéssica, após a menina ter almoçado com Carlos, na mesa em que só os patrões têm o costume de comer.

Val - "Não tem um docinho?", ela perguntou. "Não tem um docinho?", meu Deus do céu...



Edna - (balançando a cabeça em sinal negativo) Não se levanta quando se entra na cozinha...

Val - Edna, fazendo um favor? Sou eu que estou falando de Jéssica! Não é pra tu falar de Jéssica, eu estou falando de Jéssica!

Edna - (silêncio) (faz sinal com a mão indicando que está fechando a boca)

Val - (resmungando enquanto limpa uma travessa)

**QC6:** Após uma situação conflituosa, Val decide morar com Jéssica em outro lugar. As duas se despedem de

Bárbara, que conversa com outra mulher sobre assuntos de trabalho.

Val - Dona Bárbara, estamos indo.

Bárbara - Está bom. Resolveu então, conseguiu lá o lugar, né?

Val - Praticamente.

Bárbara - Você deixou a torta?

Val - Deixei sim, senhora.

Jéssica - Muito obrigada, viu?

Bárbara - (silêncio)

Val - Então estamos indo. Com licença.

Bárbara - Boa sorte no vestibular.

**QC7:** Após Jéssica e Val não conseguirem outro local para morarem, elas retornam à casa. Carlos entra na cozinha, onde está Jéssica.

Carlos - Você voltou.

Jéssica - (silêncio)

Carlos - Não deu certo o quarto?

Jéssica - É, não deu não...

Carlos - Quer água?

Jéssica - Já tem aqui.

Carlos - (silêncio) Você sabe que a casa aqui é... como se fosse sua. Qualquer coisa que você precisar... a casa ficou até meio... vazia, sabe?

Jéssica - (silêncio) Obrigada.

Carlos - Você acredita em reencarnação?

Jéssica - Não sei... Nunca pensei muito sobre isso...

Carlos - Eu não acredito. Eu não acredito porque eu acho que é só essa vez, sabe? Então... às vezes a

gente fala umas coisas que pode parece até que é loucura, sabe? Mas, se eu não falo, talvez isso seja locura, se é só essa vez, sabe? É...

Jéssica - (silêncio)

Carlos - Quer casar comigo?

Jéssica - (silêncio) (ri)

Carlos - Casa comigo... Eu te levo onde você quiser...

Jéssica - (silêncio) É... (ri sem jeito)

Carlos - Calor, né? (murmura algo)

Jéssica - Desculpa, Zé Carlos...

Carlos - Desculpa.

Jéssica - Eu não sei nem o que dizer...

Carlos - Sim, diz sim. Diz sim.

Jéssica - (silêncio)

Carlos - Casa comigo.

Jéssica - Não, eu não...

Carlos - Desculpa, desculpa.

Jéssica - Eu não estou entendendo...

**QC8:** Jéssica aproveita que está na cozinha sozinha e pega o sorvete do Fabinho para comer.

(Bárbara entra na cozinha e olha para ela)

(Jéssica tampa o sorvete e faz olhar de tensão)

Bárbara - (Vai até a pia, onde está Jéssica, para pegar água) Por isso que o sorvete do Fabinho acaba.

Jéssica - (silêncio)

(Val entra na cozinha e vê a cena)

Val - Já falei que esse sorvete é de Fabinho! É uma teimosia! Vai desculpando, visse, dona Bárbara? Já falei, falei...

Bárbara - (silêncio) (Sai de perto e pega a bandeja que Val quebrou) Desde quando a bandeja da minha bisavó está quebrada?

Val - (silêncio)

Bárbara - Ô Val, pode não parecer, mas essa casa ainda é minha. Vem aqui, quero falar com você.

**QC9:** Fabinho não passou na primeira fase do vestibular e Val o consola.

Val - Tu ficou nervoso. Sabia tudo, né?

Fabinho - (silêncio)

Val - Tu ficou nervoso! (beija Fabinho)

Fabinho - Porra, Val, por dois pontos!

Val - Isso é uma injustiça... Bola pra frente, visse?

Bárbara - (entra no quarto) Fabinho...

Val - Ano que vem tu vai tentar de novo. Licença.  
(saindo do quarto) Ó pra ele como é que está!

Bárbara - (para Fabinho) Você vai ficar assim?  
Agora não adianta, né?

Fabinho - (silêncio)

Bárbara - Ei... Se anima, já foi agora. Vem cá...  
(Fabinho sai em silêncio)

**QC10:** Val arruma a casa, colocando enfeites novos, enquanto Jéssica está sentada estudando.

Val - Ó paí que bonitinho! De crochê, comprei na mão de Joelma, que mora pra junto de Pâmela... Ó como é que está ficando tudo ajeitadinho. Deus escreve certo por linhas tortas, essa casa é muito melhor do que aquela! Não é não, Jéssica?

Jéssica - (silêncio)

Val - Jéssica, tu ainda está com raiva de mim! Tem que entender o meu lado, filha!

Jéssica - E tu tinha que ter me defendido!

Val - E eu não defendi?

Jéssica - Não vou entrar nesse assunto não porque eu não quero brigar de novo, visse?

## 7.2

### Transcrições do filme *Como nossos pais*

**CC1:** Na casa de Clarice, durante um almoço em família, a mãe põe a comida na mesa e faz uma declaração. Clarice: Depois de 20 anos, eu resolvi fazer essa moqueca pra homenagear o Dado, o nosso defensor da Amazônia!

Todos: (batem palmas)

Rosa: (faz silêncio e fica séria; 10 seg.) A gente pode se servir também ou é só pro Dado? **CC2:** À mesa, a esposa de Cacau, Alessandra, faz um pedido a sua sogra logo após a homenagem de Clarice a seu genro. Alessandra: Eu também quero ser homenageada, sogrinha!

Clarice: Meu amor, assim que você parar de falar que vai separar do meu filho, eu faço uma homenagem linda pra você!

Todos: (silêncio)

Alessandra: (faz silêncio por 3 seg.) Mas sobreviver a um casamento não é motivo suficiente para uma homenagem? Ainda mais com o seu filhinho...

Todos: (silêncio)

Rosa: Vocês sabem que eu tava lendo uma matéria (...).

**CC3:** À mesa, Dado comenta sobre a matéria da revista de que Rosa falou antes. Dado: Inclusive nesse artigo tem um box que fala como os adultos da tribo, como eles cuidam da... das crianças, né? No dia-a-dia. Rosa: Você podia aprender um pouquinho com essa tribo, né? Coisa do dia-a-dia.

Clarice: Eu não acredito que você está pedindo pro seu marido abandonar tudo o que ele faz pra dar banho nas suas filhas! Mais importante do que... preservar a reserva Yanomami, a Floresta Amazônica, enfrentar as mineradoras poderosas... é escrever um texto para um site de banheiro com o objetivo de obrigar as pessoas a clicarem e curtirem! Minha filha, você prefere que o teu marido fique na sua casa dando um banho nas suas filhas? Um menino com um projeto, um trabalho ambientalista desse?!... Que egoísmo, Rosa! Fica esperta!

Todos (inclusive as crianças): (silêncio)

Alessandra: (revira os olhos para cima, em silêncio)

Clarice: (volta-se para Dado e começa a conversar sobre algumas tribos)

Rosa: (interrompendo) Meu site, na verdade, eu não tenho um site, eu trabalho para diversos clientes, mas atualmente eu estou trabalhando com um site, uma empresa de aço que é de ponta, sabia? Eu acho inclusive que você poderia fazer uma reforma nos seus banheiros, porque as torneiras... estão péssimas. Eu entendo bem de torneira, sabe? **CC4:** Após a discussão no almoço, mãe e filha continuam em clima de tensão e, ao falar sobre seu pai, Rosa o elogia e Clarice protesta. Clarice: Você foi concebida na minha viagem

a Cuba e o Homero não estava lá.

Todos: (silêncio de 5 seg.)

Rosa: O que é que é?

Clarice: Um congresso de sociologia e educação.

Rosa: Você bebeu, né? Você só pode estar louca...

Clarice: Eu tive um caso rápido. Havana, um congresso... Foi lá. Foi lá que... O Homero não sabe nada disso. Nada. Nem foi.

Todos (Juliana e Nara também): (silêncio); (Alessandra levanta, pega as crianças para tirar do cômodo).

Clarice: Ele era um sociólogo, brasileiro, militava na educação, como eu. Mas eu não tenho notícias dele, não tenho um contato dele... Não tenho absolutamente nada!

Rosa: (levanta e sai).

Cacau: Você escondeu isso da gente esse tempo inteiro? Não falou nada.

Dado: (olha para a sogra e faz menção de dizer algo, mas fica calado).

**CC5:** Após a descoberta de que o pai que a criou não é seu pai biológico, Rosa visita o irmão, para conversar sobre o ocorrido. Cacau: Dona Clarice, hein?

Rosa: Caralho, Cacau.

Cacau: Caprichou no almoço.

Rosa: Pior que agora, assim... As coisas estão fazendo sentido. Ela sempre gostou mais de você, sempre protegeu você. Tudo o que você fazia era maravilhoso... Eu sempre tomando porrada, sempre... Eu achava que de repente era pelo fato de eu ser mulher... Caralho... Você tem, sei lá... Cinco álbuns de infância. Eu tenho um horrível, que eu terminei de fazer. Caralho...

Cacau: (faz silêncio e olha para baixo)

Rosa: Há trinta e oito anos ela está guardando essa informação, para me dizer do jeito que ela disse. (...)

**CC6:** Didi, com quem Homero tem Caru, briga com ele por ter descoberto que ele não pagou a escola da filha, o que fez com que a menina tivesse a matrícula cancelada. Homero tenta conciliação, desviando do assunto da briga. Homero: Que é isso, me dá um abraço!

Didi: (fica de braços cruzados olhando séria para ele em silêncio)

**CC7:** Rosa chega atrasada em uma reunião de seu trabalho. Seu chefe e uma funcionária, superior a ela hierarquicamente, estão aguardando sua chegada na porta da sala de reuniões, e ela chega literalmente correndo e utilizando uma calça jeans, uma camisa larga e tênis. Rosa: Gente, desculpa, eu peguei muito trânsito.

Funcionária: (vira as costas e entra na sala de reuniões em silêncio)

**CC8:** Rosa é demitida e ela e Dado discutem em casa. Há alguns momentos de silêncio durante a interação dos dois. Rosa: Você viaja a hora que você quiser, Dado; você faz tudo o que você quiser, porque você sabe que eu estou aqui! Eu estou aqui, que eu vou levar as meninas na escola, que eu vou ver agenda, que eu vou fazer mercado, que eu vou...ahn... tá!

Dado: (silêncio)

Rosa: É diferente.

Dado: Você acha que eu nunca abri mão de nada? É isso?

Rosa: Do que é que você abriu mão, Dado?

Dado: Você sabe há quantos anos eu não bato uma bola com os meus amigos no final de semana?

Rosa: (silêncio) Ah... (ri debochando). Você abriu mão do futebol?

Dado: Sim.

Rosa: Eu abri mão da minha vontade de escrever! Escrever uma peça. De ser dramaturga, entendeu? Eu fico escrevendo folders de cerâmica de banheiro. Não quero mais. (sussurrando)

Dado: (silêncio por 9 seg.) (suspira) (silêncio por 3seg.) Estou cansado.

Rosa: Eu também estou exausta, há uns quinze anos. Pode deitar que eu já vou.

Dado: Quer falar mais alguma coisa?

Rosa: Não.

**CC9:** Nara está pedindo a Rosa, sua mãe, para comprar outros óculos para a menina, e as duas discutem. Rosa: Eu já ouvi, a gente vai comprar outro! Fala direito, cara!

Nara: Então vamos comprar hoje!

Rosa: Então fala direito. Eu não recebo ordem! [levanta o dedo] Tá? Se você quiser conversar, eu converso com você; falando desse jeito não vai funcionar.

Nara e Juliana: (silêncio)

**CC10:** Rosa está fazendo compras no mercado e Pedro, pai de um colega da escola de Nara e Juliana, a encontra no caixa. Pedro: Ei! Mãe da... Juliana. Tudo bom?

Rosa: E aí, pai do Henrique, tudo bem?

Pedro: Tudo bom, você não foi na reunião dos pais...?

Rosa: É, não deu, a Juliana estava com febre.

Pedro: Ah... Não estou vendo vinho no seu carrinho... Você... não vai levar nenhum?

Rosa: (fica em silêncio, rindo contidamente)

**CC11:** Rosa vai até a casa da mãe para conversar, e Clarice conta que está doente. Clarice: Eu acho que você não entendeu bem o que eu falei. Eu disse: eu fui diagnosticada com um câncer de pâncreas irreversível, com graves sequelas. Me dá uns meses de vida mais, mas...olha, eu não tenho medo da morte, mas, filha, eu tive uma vida maravilhosa! Vivi muito bem! Mas er... eu precisava te contar essa história. Agora... parar de fumar, nunca!

Rosa: Você foi em outro médico, você... pegou uma segunda opinião?

Clarice: Uhum... Comprovado.

Rosa: (silêncio de 15 seg.)

**CC12:** Homero aparece tarde da noite na porta de Rosa, com Caru. Rosa: Oi, pai!

Homero: Oi, tudo bem, minha filha? (abraçando Rosa)

Rosa: Tudo bem?

Homero: Tudo bem. Olha, eu eu... eu vim, eu estava no hotel, mas eu vim aqui agradecer o depósito que você fez pra mim. Muito obrigado!

Rosa: Tá tudo... tá tudo certo. (Rosa vê Caru entrando logo após o pai) Achei que você tivesse vindo pegar os fantoches. O que é que foi, Caru? Está com uma cara...

Caru: Estou bem, onde posso deixar minhas coisas?

Rosa: Você... no sofá!

Caru: (coloca as coisas no sofá) Eu vou dormir no sofá?

Rosa: Oi?

Caru: Eu vou dormir no sofá?

Rosa: (silêncio por 3seg.) Como assim? Você.... você vai dormir aqui?

Caru: É, o hotel era imundo, todo mofado...

Homero: Cheio de mofo!

Caru: Mas eu achei que tava combinado... mas... você não avisou, pai?

Homero: Não, eu não falei... só pra não causar... Eu sabia que ia ser instantânea a emoção.

**CC13:** Dado e Rosa estão em uma terapia de casal, discutindo sua relação. Dado: Quando é que você quer transar? Nunca, nunca, Rosa!

Rosa: Eu não vim aqui pra falar de sexo. O que eu quero falar aqui é por que eu não tenho desejo suficiente pra fazer sexo: esse é o ponto!

Terapeuta: Você sente desejo por outras pessoas? Você sente desejo?

Rosa: Ele eu sei que sim.

Terapeuta: Eu estou falando de você. Você sente desejo?

Rosa: (silêncio durante 10 seg.; olha para baixo, suspira e coloca a mão na frente dos olhos)

**CC14:** Rosa encontra Pedro no mercado e lá os dois degustam vinhos. Ela conta a ele como está se sentindo e sobre a peça que escreveu. Rosa: (...) Eu devia ter escrito essa frase no segundo ato da minha peça.

Pedro: Ah, escreve lá!

Rosa: Não, agora não dá. Eu perdi o prazo do concurso, já foi.

Pedro: Mas você escreve pro concurso ou pra você?

Rosa: (olha para ele calada e sorri de forma contida).

**CC15:** Rosa acompanha Clarice a uma consulta médica. Médica: É, Clarice, se você estiver disposta, eu posso te receitar



algumas fórmulas que vão ajudar a controlar a sua ansiedade pra te fazer largar o cigarro.

Clarice: Eu já tentei. Mas... não consegui. Mesmo.

Rosa e médica: (silêncio)

**CC16:** Rosa e Clarice estão no carro conversando sobre problemas que Rosa está tendo com sua filha. Clarice: Minha filha, isso tem começo, mas não tem fim. Olha você!

Rosa: Até parece!

Clarice: Toda a vida falou comigo com um chicote na mão, Rosa. Mas é assim mesmo: chega um determinado momento em que a definição de "mãe" no dicionário é aquela que não sabe nada! A gente vira um idiota de plantão pro resto da vida. Mas eu não tô reclamando, é só pra você não ser pega de surpresa. A minha mãe esqueceu de me avisar, eu demorei muito tempo pra entender.

Rosa: (silêncio)

Clarice: Vamos embora?

**CC17:** Rosa e Clarice estão na casa desta. Enquanto a mãe molha as plantas, Rosa repara no sapato da mãe, que haviam comprado juntas anteriormente. Rosa: Você tinha razão, sobre o sapato vermelho. Clarice: (faz silêncio, pisca um olho e sorri)

**CC18:** Rosa chega em casa e Dado está no sofá. Após ver as crianças dormindo, a protagonista senta ao lado do marido.

Dado: As crianças demoraram pra dormir. Choraram um pouquinho... queriam te ver.

Rosa: (silêncio por 5seg.)

Dado: Você está bem?

Rosa: (silêncio por 7 seg.)

Dado: (beija Rosa)

**CC19:** Rosa e Dado discutem a relação, e ela está desconfiada da fidelidade do marido.

Rosa: A gente não combinou que a gente ia falar sempre a verdade um para o outro? Dado: Sim, e aí?

Rosa: Você está tendo um caso com aquela antropóloga?

Dado: Rosa, por favor, quantas vezes eu vou ter que falar para você? Eu não estou tendo caso com ninguém!

Muito menos com ela... Tem nada, tem nada! Você já... a

gente... Vamos lá: já que é para falar a verdade, você quer me falar alguma coisa? Rosa: (silêncio por 3seg.) Eu me apaixonei por outro cara.

7.3  
Original – Barreiras para a comunicação entre japoneses e latinos

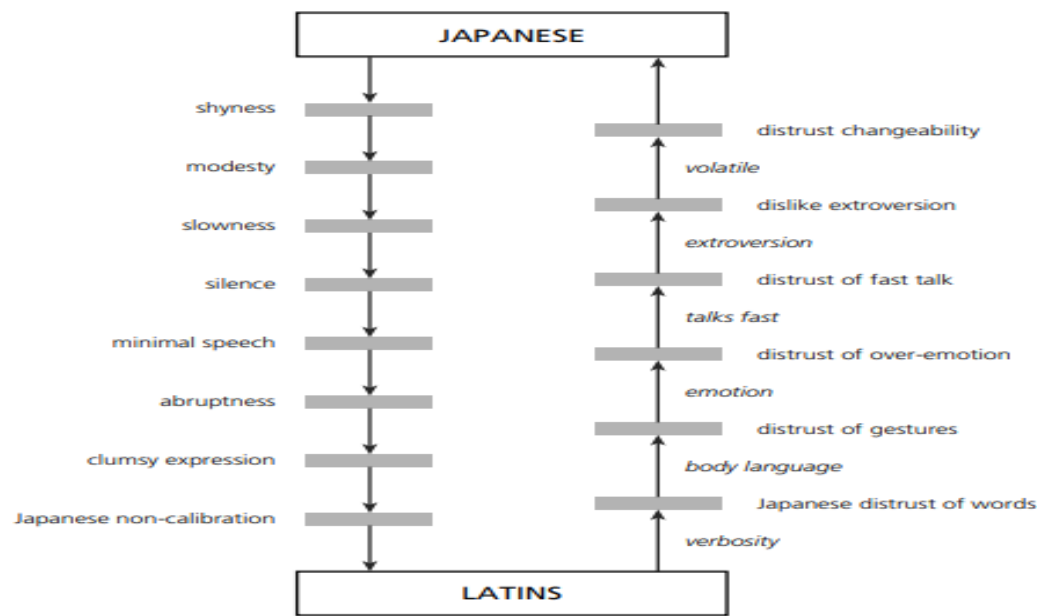


Figura 7.1: Original – Barreiras para a comunicação entre japoneses e latinos (Lewis, 2006, p. 24).